



SUICÍDIO - A VIDA VALE MAIS QUE ISTO

“E naqueles dias os homens buscarão a morte, e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles.”

(João, 9:6 – Apocalipse)

1. A MORTE

A morte é uma simples mudança de estado, a destruição de uma forma frágil que já não proporciona à vida as condições necessárias ao seu funcionamento e à sua evolução.

Por toda a parte se encontra a vida.

A morte é apenas um eclipse momentâneo na grande revolução das nossas existências; mas, basta esse instante para revelar-nos o sentido grave e profundo da vida...

Toda morte é um parto, um renascimento; é a manifestação de uma vida até aí latente em nós, vida invisível da Terra, que vai reunir-se à vida invisível do Espaço.

Não peçais às pedras do sepulcro o segredo da vida....

Se a morte é quase isenta de sofrimento para aquele cuja vida foi nobre e bela, não sucede o mesmo com os sensuais, os violentos, os criminosos, os suicidas.

(O Problema do Ser, do Destino e da Dor – Léon Denis, Cap. X, A Morte)

Após a morte, antes que o Espírito se oriente, gravitando para o verdadeiro “lar espiritual” que lhe cabe, será sempre necessário o estágio numa “antecâmara”, numa região cuja densidade e aflitivas configurações locais corresponderão aos estados vibratórios e mentais do recém-desencarnado. Aí se deterá até que seja naturalmente “desanimalizado”, isto é, que se desfaça dos fluidos e forças vitais de que são impregnados todos os corpos materiais. Por aí se verá que a estada será temporária nesse umbral do Além, conquanto geralmente penosa. Tais sejam o caráter, as ações praticadas, o gênero de vida, o gênero de morte que teve a entidade desencarnada - tais serão o tempo e a penúria no local descrito. Existem aqueles que aí apenas se demoram algumas horas. Outros levarão meses, anos consecutivos, voltando à reencarnação sem atingirem a Espiritualidade.

Em se tratando de suicidas o caso assume proporções especiais, por dolorosas e complexas. Estes aí se demoram, geralmente, o tempo que ainda lhes restava para conclusão do compromisso da existência que prematuramente cortaram. Trazendo carregamentos avantajados de forças vitais animalizadas, além das bagagens das paixões criminosas e uma desorganização mental, nervosa e vibratória completas, é fácil entrever qual será a situação desses infelizes para quem um só bálsamo existe: - a prece das almas caritativas!

(Memórias de um Suicida - Yvonne A. Pereira - Cap. 1, pág. 21, 1ª parte)

2. SUICÍDIO

De onde vem o desgosto da vida que se apodera de certos indivíduos sem motivos plausíveis?



Efeito da ociosidade, da falta de fé e, freqüentemente, da saciedade. Para aquele que exercita suas faculdades com um objetivo útil e segundo suas aptidões naturais, o trabalho não tem nada de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto age tendo em vista uma felicidade mais sólida e mais durável que o espera.

(O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - Questão 943)

- O homem tem direito de dispor da sua própria vida?

- Não, só Deus tem esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei.

- O suicídio não é sempre voluntário?

- O louco que se mata não sabe o que faz.

(O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - Questão 944)

O homem não tem jamais o direito de dispor da própria vida, porque só a Deus cabe tirá-lo do cativeiro terrestre, quando o julga oportuno. Todavia, a justiça divina pode abrandar os seus rigores em favor das circunstâncias, mas reserva toda a sua severidade para aquele que quis se subtrair às provas da vida. O suicida é como o prisioneiro que se evade da prisão, antes de expirar a sua pena, e que, quando é recapturado, é mantido mais severamente. Assim ocorre com o suicida, que crê escapar às misérias presentes, e mergulha em infelicidades maiores.

(E.S.E. - Allan Kardec - Cap. 28 item 71)

“O suicídio supõe sempre a ilusão de que se acha o candidato possuído, de se libertar da insuportável carga de dores e tristeza que o acabrunhavam e lhe envenenam a vida. (...)

O suicídio é a maior desgraça que pode suceder ao espírito. (...) É uma afronta à Divindade, inútil e covarde. (...) No suicídio se nivelam as dores, porque ele determina o maior e mais desesperado de todos os sofrimentos.”

(Martírio dos Suicidas - Raul Martins - págs. 62/63/64)

2.1 - CLASSIFICAÇÃO DOS SUICÍDIOS

De um modo geral, crê o candidato ao suicídio que, exterminando o corpo físico, põe termo aos sofrimentos.

Realizando o gesto extremo, a grande ilusão se desfaz, como se fosse uma bolha de sabão impulsionada pelo vento.

Sai o Espírito do sofrimento e cai na tortura.

Sai do ruim e cai no pior.

Numa pálida e modesta tentativa de comentar, da maneira que nos for possível, tão doloroso assunto, estabelecemos, inicialmente, a seguinte classificação para o suicídio:

a) Por livre deliberação da pessoa;

b) Por influência de obsessores;

c) Por indução de terceiros.

De modo geral, entretanto, prevalece sempre o item (a), uma vez que a deliberação, própria ou resultante da insinuação de terceiros, encarnados ou desencarnados, será em última análise, do indivíduo, ressaltados, é bem de ver, casos em que há coação, tão ostensiva e



compulsória, que a infeliz criatura se sente dominada

A ação dos perseguidores espirituais é indiscutível.

Acreditamos que a influência e sugestão de Espíritos vingativos, embora caiba a responsabilidade maior a quem lhes atende as insinuações, uma vez que tem a criatura o seu próprio livre arbítrio.

O insinuador não escapará, de modo algum, às dolorosas conseqüências de sua atitude.

(Estudando a Mediunidade – Martins Peralva - Capítulo XXX, Suicídios, pág. 161-62)

2.2 - TIPOS DE SUICÍDIO

Classificamos, para melhor compreensão do tema, os habituais tipos de suicídios, assim compreendidos:

- a) Destruição violenta do corpo;
- b) Excessos (álcool, orgias, alimentos, etc);
- c) Menosprezo ao vaso físico.

Vemos assim, que não é suicida apenas aquele que elimina a própria vida com uma arma ou que se atira à frente das rodas de uma viatura qualquer.

Sê-lo-á, também, aquele que cometer excessos que resultem na “antecipação da morte”. Aquele que, menosprezando o aparelhamento fisiológico, lhe esgotar o “tônus vital” que lhe asseguraria uma existência normal, adrede preparada para que seu espírito, habitando no templo do corpo, realizasse o seu aprendizado e cumprisse as suas tarefas redentoras.

Todos os suicidas, deste ou daquele tipo, responderão pelo seu gesto, segundo as circunstâncias que o motivaram.

(Estudando a Mediunidade – Martins Peralva - Capítulo XXX, pág. 162)

Os órgãos do corpo somático possuem incalculáveis reservas, segundo os desígnios do Senhor. O meu amigo, no entanto, iludiu excelentes oportunidades, desperdiçando patrimônios preciosos da experiência física. (...) Todo o aparelho gástrico foi destruído à custa de excessos de alimentação e bebidas alcoólicas, aparentemente sem importância. Devorou-lhe a sífilis energias essenciais. Como vê, o suicídio é incontestável. (...)

Na verdade, tua posição é a do suicida inconsciente; mas é necessário reconhecer que centenas se ausentam diariamente da Terra, nas mesmas condições. Acalma-te, pois. Aproveita os tesouros do arrependimento, guarda a bênção do remorso, embora tardio, sem esquecer que a aflição não resolve problemas.

(Nosso Lar - André Luiz - Cap. 4, págs. 33-34, Espírito Henrique de Luna)

2.3 - CAUSAS DO SUICÍDIO

Muitos motivos determinam os suicídios, consoante se observa da leitura das reportagens especializadas.

Uns sérios e dolorosos e outros destituídos de qualquer seriedade.



Vejam os alguns dos motivos:

- a) Falta de fé;
- b) esgotamento nervoso;
- c) orgulho ferido;
- d) desgostos íntimos;
- e) tédio;
- f) loucura, e
- g) espírito de sacrifício.

Acreditamos que, em qualquer dos casos acima, quando a alma se recupera, no plano espiritual, arrepende-se de ter desertado da vida física, pela noção de que Deus lhe teria dado a necessária resistência.

O desespero é inimigo do bom senso; passada a tempestade, vem a bonança.

(Estudando a Mediunidade – Martins Peralva - Capítulo XXX, pág. 163)

A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as idéias materialistas, numa palavra, são os maiores excitantes ao suicídio: elas dão a covardia moral.

A propagação das idéias materialistas é pois, o veneno que inocula em um grande número de pessoas o pensamento do suicídio, e aqueles que se fazem seus apóstolos assumem sobre si uma terrível responsabilidade. (E.S.E. -

Allan Kardec - Cap. 5 item 16)

2.4 - CONSEQÜÊNCIAS DO SUICÍDIO

Quais são, em geral, as conseqüências do suicídio sobre o estado do Espírito?

As conseqüências do suicídio são muito diversas; não há penas fixadas e, em todos os casos, são sempre relativas às causas que o provocaram. Mas uma conseqüência à qual o suicida não pode fugir é o desapontamento. De resto, a sorte não é a mesma para todos: Depende das circunstâncias. Alguns expiam sua falta imediatamente, outros em uma nova existência que será pior que aquela da qual interromperam seu curso. - A observação mostra, com efeito, que as conseqüências não são sempre as mesmas. Mas há as que são comuns a todos os casos de morte violenta, e a conseqüência da interrupção brusca da vida. Há primeiro a persistência mais prolongada e mais tenaz do laço que une o Espírito e o corpo, por estar esse laço quase sempre na plenitude de sua força no momento que é quebrado, enquanto que na morte natural ele se enfraquece gradualmente e, no mais das vezes, se rompe antes que a vida esteja completamente extinta. As conseqüências desse estado de coisas são a prolongação da perturbação espírita, depois a ilusão que, durante um tempo mais ou menos longo, faz o espírito crer que está ainda entre o número de vivos. (O Livro dos Espíritos – Allan Kardec - Questão 957 – Comentários de Kardec)

Quanto aos suicidas, a perturbação em que a morte os imerge é profunda, penosa, dolorosa. A angústia os agrilhoa e segue até a sua reencarnação ulterior. O seu gesto criminoso causa ao corpo fluídico um abalo violento e prolongado que se transmitirá ao organismo carnal pelo



renascimento. A maior parte deles volta enferma à Terra. Estando no suicida, em toda a sua força, a vida, o ato brutal que a despedaça produzirá longas repercussões no seu estado vibratório e determinará afecções nervosas nas suas futuras vidas terrestres. O suicida procura o nada, o esquecimento de todas as coisas; mas vai, ao contrário, encontrar-se em face de sua consciência, na qual fica gravada, para todo o sempre, a recordação lamentável da sua deserção do combate da vida. A prova mais dura, o sofrimento mais cruel que haja na terra é preferível à recriminação perpétua da alma, à vergonha de já não se poder prezar.

A destruição violenta de recursos físicos que podiam ser-lhe úteis ainda, e até fecundos, não livra o suicida das provações a que quis fugir, porque lhe será necessário reatar a cadeia quebrada das suas existências e com ela tornar a achar a série inevitável das provas, agravadas por atos e conseqüências que ele mesmo causou.

(O Problema do Ser, do Destino e da Dor – Léon Denis, Cap. X)

Segundo as descrições dos espíritos e os ensinamentos doutrinários, são as seguintes as conseqüências gerais dos suicídios:

- a) Visão, pela própria alma, do corpo em decomposição;
- b) Flagelações nos planos inferiores;
- c) Frustrações de tentativas para a reencarnação;
- d) Reencarnações dolorosas, com agravamento das provas.

(Estudando a Mediunidade – Martins Peralva - Cap. XXX, pág. 163)

... O verdadeiro sofrimento começa no momento do suicídio... Se um veneno corrosivo, o ardor insuportável da queimadura, destruindo todo o esôfago, o estômago, os intestino na sensação máxima de intensidade, se um projétil de arma de fogo, a dor do ferimento, permanente, impedindo todo o raciocínio – que não gire em torno desse sofrimento; se a asfixia, por mergulho ou enforcamento, a absoluta falta de ar, a ânsia desesperada de respirar, nas contorções desordenadas de quem luta com as derradeiras forças para não morrer; se por incêndio das vestes, a inenarrável angústia da destruição das próprias carnes, tortura que palavras não descrevem e arrancam da vítima verdadeiros urros de dor, cruciantes e comovedores ao máximo da sensibilidade. (...) – O espírito cria a sensação de estar num deserto escuro, onde os seus gritos e gemidos têm ressonâncias tétricas, e a sua voz jamais é escutada por alguém. Se percorre sítios ligados à causa do suicídio, o espírito sofre em todos, sentindo-se arrastado por um torvelinho, que não lhe permite raciocinar com acerto sobre nenhum dos problemas do próprio “Eu”, pois tudo gira em torno da idéia central que o levou ao crime de auto-homicídio. Entrecortadamente, chora, blasfema, suplica, num delírio comovedor, mas irremediável. A carne, rasgada pelo gume do punhal, necessita de imperioso período para cicatrização; a alma, atingida pelo golpe esfacelador do suicídio, precisa de irrecorrível lapso de sofrimento para balsamizar a lesão moral. São inúmeros e uniformes os testemunhos.

(O Martírio dos Suicidas – págs. 17/18)

Da Justiça ninguém fugirá, mesmo porque a nossa consciência, em acordando para o sentido da vida, aspira a resgatar dignamente todos os débitos de que se onerou perante a bondade de Deus; entretanto, o amor infinito do pai celeste brilha em todos os processos de reajuste. Assim é que, se claudicamos nessa ou naquela experiência indispensável à conquista da luz que o supremo senhor nos reserva, é necessário nos adaptemos à justa recapitulação das



experiências frustradas, utilizando os patrimônios do tempo. Figuremos um homem acovardado diante da luta, perpetrando o suicídio aos quarenta anos de idade no copo físico. Esse homem penetra no mundo espiritual sofrendo as conseqüências imediatas do gesto infeliz, gastando tempo mais ou menos longo, segundo as atenuantes e agravantes de sua deserção, para recompor as células do veículo perispirítico, e, logo que oportuno, quando torna a merecer o prêmio de um corpo carnal na esfera humana, dentre as provas que repetirá, naturalmente se inclui a extrema tentação ao suicídio na idade precisa em que abandonou a posição de trabalho que lhe cabia, porque as imagens destrutivas que arquivou em sua mente, se desdobrarão, diante dele, através do fenômeno a que podemos chamar “Circunstância reflexa” dando azo a recônditos desequilíbrios emocionais que a situação, logicamente em contato com as forças desequilibradas que se lhe ajustam ao temporário modo de ser. Se esse homem não houver amealhado recursos educativos e renovadores em si mesmo, pela prática da fraternidade e do estudo, de modo a superar a crise inevitável, muito dificilmente escapará ao suicídio, de novo, porque as tentações não obstante reforçadas por fora de nós, começam em nós e alimentam-se de nós mesmos.

(Ação e Reação – André Luiz - págs. 93 e 94)

2.5 - VALE DOS SUICIDAS

O solo coberto de matérias enegrecidas e fétidas, lembrando a fuligem, era imundo, pastoso, escorregadio, repugnante! O ar pesadíssimo, asfixiante, gelado, enoitado por vulcões ameaçadores como se eternas tempestades rugissem em torno; e, ao respirarem-no, os espíritos ali ergastulados sufocavam-se como se matérias pulverizadas, nocivas mais do que a cinza e a cal, lhes invadissem as vias respiratórias, martirizando-os com suplício inconcebível ao cérebro humano habituado às gloriosas claridades do sol – dádiva celeste que diariamente abençoa a terra – e às correntes vivificadoras dos ventos que tonificam a organização física dos seus habitantes.

Não havia então ali, como não haverá jamais, nem paz, nem consolo, nem esperança, tudo em seu âmbito marcado pela desgraça era miséria, assombro, desespero e horror. Dir-se-ia a caverna tétrica do incompreensível, indescritível a rigor até mesmo por um espírito que sofresse a penalidade de habitá-la.

Aqui, era a dor que nada consola, a desgraça que nenhum favor ameniza, a tragédia que idéia alguma tranquilizadora vem orvalhar de esperança! Não há céu, não há luz, não há sol, não há perfume, não há tréguas!

De outras vezes, tateando nas sombras, lá íamos, por entre gargantas, vielas e becos, sem logarmos indício de saída... Cavernas – todas enumeradas - (...) Por vezes acontecia não sabermos retornar ao ponto de partida, isto é, às cavernas que nos serviam de domicílio, o que forçava a permanência ao relento até que deparássemos algum covil desabitado para outra vez abrigarmos...

(Memórias de um Suicida (M.S.), Yvonne A. Pereira (Y.A.P.) - Cap. 1, pág. 21, 1ª parte)

2.6 - CORDÃO FLUÍDICO

(...) se deparavam, aqui e ali, forças erguidas, baloiçando o corpo do próprio suicida, que evocava a hora em que se precipitara na morte voluntária....



Coisa singular! Essa escória trazia, pendente de si, fragmentos de cordão luminoso, fosforescente, o qual, despedaçado, como arrebatado violentamente, desprendia-se em estilhas qual um cabo compacto de fios elétricos arrebatados, a desprenderem fluidos que deveriam permanecer organizados para determinado fim. Hoje sabemos que esse cordão fluídico-magnético, que liga a alma ao envoltório carnal e lhe comunica a vida, somente deverá estar em condições apropriadas para deste separar-se por ocasião da morte natural, o que então se fará naturalmente, sem choques, sem violência. Com o suicídio porém, uma vez partido e não desligado, rudemente arrancado, despedaçado quando ainda em toda sua pujança fluídica e magnética, produzirá grande parte dos desequilíbrios, senão todos que vimos anotando, uma vez que, na constituição vital para a existência que deveria ser, muitas vezes, longa, a reserva de forças magnéticas não se havia extinguido ainda, o que leva o suicida a sentir-se um “morto-vivo” na mais expressiva significação do termo (...)
(M. S. - Y.A.P. - Cap. 2, pág. 47/49, 1ª parte)

As impressões e sensações penosas, oriundas do corpo carnal, que acompanham o Espírito ainda materializado, chamaremos repercussões magnéticas, em virtude do magnetismo animal, existente em todos os seres vivos, e suas afinidades com o perispírito. Trata-se de fenômeno ao que faz a um homem que teve o braço ou a perna amputados sentir coceiras na palma da mão que já não existe com ele, ou na sola do pé, igualmente inexistente.
(M. S. - Y.A.P. - Cap. 1, pág. 27 - 1ª parte)
2.7 - LEGIÃO DOS SERVOS DE MARIA

Periodicamente, singular caravana visitava esse antro de sombras. Era como a inspeção de alguma associação caridosa, assistência protetora de instituição humanitária, cujos abnegados fins não se poderiam pôr em dúvida.
Vinha à procura daqueles dentre nós cujos fluidos vitais, arrefecidos pelas desintegração completa da matéria, permitissem locomoção para as camadas do Invisível intermediário, ou de transição.
(...) eram Espíritos que estendiam a fraternidade ao extremo de se materializarem o suficiente para se tornarem plenamente percebidos à nossa precária visão e nos infundirem confiança no socorro que nos davam.
Senhoras faziam parte dessa caravana. (...) As lanceiros, (...) entravam aqui e ali, pelo interior das cavernas habitadas, examinando seus ocupantes. Curvavam-se cheios de piedade, junto das sarjetas, levantando aqui e acolá algum desgraçado tombado sob o excesso de sofrimento; retiravam os que tinham condições de poderem ser socorridos e colocavam-nos em macas conduzidas por varões que se diriam serviçais ou aprendizes.
(M. S. - Y.A.P. - Cap. 1, págs. 27 e 28 - 1ª parte)

3. COLÔNIA MARIA DE NAZARÉ

3.1 - DEPARTAMENTO DE VIGILÂNCIA

Tratava-se da sede do departamento onde seríamos reconhecidos e matriculados pela direção, como internos da colônia. Daquele momento em diante estaríamos sob a tutela de uma das



mais importantes agremiações pertencentes à Legião. Chefiado pelo grande espírito Maria de Nazaré, Ser angélico e sublime que na Terra mereceu a missão honrosa de seguir, com solitudes maternais, aquele que foi o redentor dos homens!

... Fomos em seguida transportados em pequenos grupos de dez individualidades, para determinado gabinete onde vários funcionários colaboravam nos trabalhos de registro. Ali deixaríamos a identidade terrena, bem assim como as razões que nos induziram ao suicídio, o gênero do mesmo como o local em que jazeram os despojos, caso o recém chegado não estivesse em condição de responder, o chefe da expedição supriria rapidamente a insuficiência, pois mantinha-se presente à cerimônia, dando contas ao diretor do Departamento (...)

A um e outro lado destacavam-se outras em que setas indicavam o início de novos trajetos. (...)

À direita – Manicômio

À esquerda – Isolamento

Nossos condutores fizeram nos ingressar pelo centro, onde também se lia, em sub-título: “Hospital Maria de Nazaré” (...) Ao contrário das demais dependências hospitalares, como o isolamento e o manicômio, o hospital Maria de Nazaré ou “Hospital Matriz”, não se rodeava de qualquer barreira.

Nossos grupos separavam-se à indicação do enfermeiros: - dez à direita... dez à esquerda... Cada dormitório continha dez leitos alvíssimos e confortáveis (...)

E acima, suspenso em porcelana, fascinante tela de cores, luminoso e como animado de vida e inteligência, despertou nossa atenção (...) Era um quadro da Virgem de Nazaré.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 3, págs. 57/60 , 1ª parte)

3.2 - HOSPITAL MARIA DE NAZARÉ

(...) havia aqueles que se preocupavam em estancar hemorragias, havia os enforcados a se debaterem de quando em quando, porfiando no esforço ilusório de se desfazem dos farrapos de cordas ou trapos que lhes pendiam do pescoço; os afogados, bracejando contra as correntes que os haviam arrastado para o fundo; os “retalhados”, hediondos quais fantasmas fabulosos, a se curvarem em intermitências macabras, na ilusão de recolherem fragmentos dispersos, ensangüentados, do copo carnal que lá ficara algures, estraçalhado sob rodas do veículo à frente do qual se arrojaram em audaciosa aventura, supondo furtarem-se ao sagrado compromisso da existência .

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 5, pág. 119 - 1ª parte)

No hospital eram proibidas as rábicas convulsões do Vale Sinistro (...) e chorar, nas desesperadoras aflições com que para trás havíamos chorado, era destampar a comporta das torrentes das agonias que a caridade sacrossanta de Maria minorava através do desvelo dos seus nervos...

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 5, pág. 121 - 1ª parte)

No Hospital Maria de Nazaré o enfermo, rodeado das emanções mentais revivificantes de seus tutelares e dirigentes, visitados por ondas magnéticas salutaras e generosas, que visavam a beneficiá-lo, deveria auxiliar o tratamento conservando-se silencioso, sem jamais se entreter em conversações de assuntos pessoais. Conviria repousar, procurar esquecer o passado



tormentoso, varrer recordações chocantes, refazendo-se quanto possível das longas dilacerações que desde muito o acutilavam.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 3, pág. 77 - 1ª parte)

E, das instruções e experiências caridosamente ministradas ao nosso entendimento a título de base e incentivo para uma urgente auto-reforma de que tínhamos imperiosa necessidade, visando ao inadiável progresso a ser realizado, destacaremos este esquema que enfeixaremos nestas singelas anotações de além-túmulo:

1 - É o homem um composto de tríplice natureza: - humana, astral e espiritual, isto é – matéria, fluido e essência. Esse composto poderá também ser traduzido em expressão mais concreta e popular, assimilável ao primeiro grau de observação: - O corpo carnal, corpo fluídico ou perispírito, e alma ou espírito, sendo que do último é que se irradiam vida, inteligência, sentimento, etc – Centelha onde se verifica a essência divina e que no homem assinala a hereditariedade celeste! Desses três corpos, o primeiro é temporário, obedecendo apenas à necessidade das circunstâncias inalienáveis que contornam o seu possuidor, fadado à desorganização total por sua própria natureza putrescível, oriunda do limo primitivo: - é o da carne. O segundo é imortal e tende a progredir, desenvolver-se, aperfeiçoar-se através dos trabalhos incessantes nas lutas dos milênios: - é o fluídico; ao passo que o espírito, eterno como a origem da qual provém, luz imperecível que tende a rebrilhar sempre mais aformoseada até retratar em grau relativo o Fulgor Supremo que lhe forneceu a Vida, para glória do seu mesmo Criador – é a essência divina, imagem e semelhança – (o que será um dia) – do Todo-Poderoso Deus!

2 - Vivendo na Terra, esse ser inteligente, que deverá evolver pela Eternidade, denomina-se Homem! Sendo, portanto, o homem um espírito encarcerado num corpo de carne ou encarnado.

3 - Um espírito volta várias vezes a tomar novo corpo carnal sobre a Terra, nasce várias vezes a fim de tornar nas sociedades terrenas, como Homem, exatamente como este é levado a trocar de roupa muitas vezes...

4 - O suicida é um Espírito criminoso, falido nos compromissos que tinha para com as leis sábias, justas e imutáveis estabelecidas pelo Criador, e que se vê obrigado a repetir a experiência na Terra, tomando corpo novo, uma vez que destruiu aquele que a Lei lhe confiara para instrumento de auxílio na conquista do próprio aperfeiçoamento – depósito sagrado que ele antes deveria estimar e respeitar do que destruir, visto que lhe não assistiam direitos de faltar aos grandes compromissos da vida planetária, tomadas antes do nascimento em presença da própria consciência e ante a Paternidade Divina, que lhe fornecera Vida e meios para tanto.

5 - O Espírito de um suicida voltará a novo corpo terreno em condições muito penosas de sofrimento, agravadas pelas resultantes do grande desequilíbrio que o desesperado gesto provocou no seu corpo astral, isto é no perispírito.

6 - A volta de um suicida a um novo corpo carnal é a lei. É a lei inevitável, irrevogável! É a expiação irremediável, à qual terá de se submeter voluntariamente ou não, porque a seu próprio benefício outro recurso não haverá senão a repetição do programa terreno que deixou de executar.



7 - Sucumbindo ao suicídio o homem rejeita e destrói ensejo sagrado, facultado por lei, para a conquista de situações honrosas e dignificantes para a própria consciência, pois os sofrimentos, quando heroicamente suportados, dominados pela vontade soberana de vencer, são como esponja mágica a expungir da consciência culpada a caligem infamante, muitas vezes, de um passado criminoso, em anteriores etapas terrenas. Mas, se, em vez do heroísmo salvador, preferir o homem a fuga às labutas promissoras, valendo-se de um auto-atentado que bem revelará a vasa inferioridade que lhe infelicitou o caráter, retardará o momento almejado para a satisfação dos mais caros desejos, visto que jamais se poderá destruir porque a fonte de sua Vida residem em seu espírito e este é indestrutível e eterno como o Foco sagrado de que descendeu!

8 - Na Espiritualidade raramente o suicida permanecerá durante muito tempo. Descerá à reencarnação prestamente, tal seja o acervo das danosas conseqüências acarretadas; ou adiará o cumprimento daquela inalienável necessidade caso as circunstâncias atenuantes forneçam capacidades para o ingresso em cursos de aprendizado edificante, que facilitarão as pelepas futuras a prol de sua mesma reabilitação.

9 - O suicida é como que um clandestino da espiritualidade. As leis que regulam a harmonia do mundo invisível são contrariadas com sua presença em páramos antes da época determinada e legal; e tolerados são e amparados e convenientemente encaminhados porque a excelência das mesmas, derramada do seio amoroso do Pai Altíssimo, estabeleceu que a todos os pecadores sejam incessantemente renovadas as oportunidades de corrigenda e reabilitação!

10 - Renascendo em novo corpo carnal, remontará o suicida à programação de trabalhos e prélios diversos aos quais imaginou erradamente poder escapar pelos atalhos do suicídio; experimentará novamente tarefas, provações semelhantes ou absolutamente idênticas às que pretendia arredar; passará inevitavelmente pela tentação do mesmo suicídio, por que ele mesmo se colocou nessa difícil circunstância carreando para a reencarnação expiatória as amargas conseqüências do passado delituoso! A tal tentação porém, poderá resistir, visto que na espiritualidade foi devidamente esclarecido, preparado para essa resistência. Se contudo vier a falir por uma segunda vez – o que será improvável - multiplicar-se-á sua responsabilidade, multiplicando-se, por isso mesmo, desastrosamente, as séries de sofrimentos e pelepas reabilitadoras, visto que é imortal!

11 - O estado indefinível, de angústia inconsolável, de inquietação aflitiva e tristeza e insatisfações permanentes: as situações anormais que se decalcam e sucedem na alma, na mente e na vida de um suicida reencarnado, indescritíveis à compreensão humana e só assimiláveis por ele mesmo, somente lhe permitirão o retorno à normalidade ao findar das causas que as provocaram, após existências expiatórias, testemunhos severos onde seus valores morais serão duramente comprovados, acompanhado-se de lágrimas ininterruptas, realizações nobilitantes, renúncias dolorosas de que não poderá isentar... podendo tão dificultoso labor dele exigir a perseverança de um século de lutas, de dois séculos... talvez mais... tais sejam o grau dos próprios deméritos e as disposições para as refregas justas e inalienáveis!

Tais deduções não nos deixavam, absolutamente, ilusões acerca do futuro que nos aguardava. Cedo, portanto, compreendemos que, na espinhosa atualidade que vivíamos, um roteiro único apresentava-se como recurso a possíveis suavizações em porvir cuja distância não podíamos prever: - submetermo-nos aos imperativos das leis que havíamos infringido, observarmos



conselhos e orientações fornecidos por nossos amorosos mentores, deixando-nos educar e guiar ao sabor do seu alto critério, como ovelhas submissas e desejosas de encontrar o consolo supremo de um aprisco.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 5, págs. 131/135 - 1ª parte)

3.3 - MANICÔMIO

Encontram-se, aqui, orgulhosos e sensuais que julgaram poder dispor levemente dos próprios corpos carnis, entregando-se à dissolução dos costumes, saciando os sentidos com mil gozos funestos, deletérios, sabendo, no entanto, que prejudicavam a saúde e se levariam ao túmulo antes da época oportuna prevista nos códigos da Criação (...) - caso não se detivessem a tempo, corrigindo os distúrbios com a prática da temperança.

Todos estes, sabiam-no também! No entanto, continuavam praticando o crime contra si mesmos! Sentiam os efeitos depressores que o vício nefando produzia em suas texturas físicas, como em suas texturas morais. Mas prosseguiram, sem qualquer tentativa para a emenda! Mataram-se, pois, lentamente, conscientemente, certos do ato que praticavam, porquanto tiveram tempo para refletir! Suicidaram-se fria e indignamente, obcecados pelos vícios....

(...) infratores desta ordem carregam ainda mais vultoso grau de responsabilidade do que o desgraçado que, atraído pela violência de uma paixão, num momento de supremo desalento se deixa arrebatado para o abismo! (...) são os cocainômanos, os amantes do ópio e entorpecentes em geral, viciados que se deixaram rebaixar ao derradeiro estado de decadência a que um Espírito, criatura de Deus, poderia chegar! Encontram-se em lamentável estado de depressão vibratória, verdadeiros débeis mentais, idiotas do plano espiritual, amesquinados moral, mental e espiritualmente, pois seus vícios monstruosos não só deprimiram e mataram o corpo material como até comunicaram ao físico-astral as nefastas conseqüências da abominável intemperança, contaminando-o de impurezas, de influências pestíferas que o macularam atrocemente (...)

Excessivamente maculadas, deixaram à mostra, em sua configuração astral, os estigmas do vício a que se haviam entregado, alguns oferecendo mesmo a idéia de se acharem leprosos, ao passo que outros exalavam odores fétidos, repugnantes, como se a mistura do fumo, do álcool, dos entorpecentes, de que tanto abusaram, fermentassem exalações pútridas cujas repercussões contaminassem as próprias vibrações que, pesadas, viciadas, traduzissem o vírus que havia envenenado o corpo material!

Os “retalhados” integravam a desgraçadíssima falange relegada ao Manicômio. Conservavam ainda a impressionante armadura de cicatrizes sanguinolentas. (...) Dir-se-iam reumáticos, enfermos a quem ataduras envolvessem, tolhendo a agilidade das articulações (...) muitos destes infelizes trazem a revolta no coração, a raiva impenitente pela desgraça de que se consideram vítimas e não responsáveis....

Digo, porém, que são inofensivos, tomando por base um louco terreno, pois os meus pobres pupilos não agravariam quem quer que fosse, conscientemente; não agrediriam, não atacariam, como geralmente acontece com os loucos dos manicômios terrenos. Todavia, são portadores dos mais nefandos perigos - não só para homens encarnados, mas até para Espíritos não ainda imunizados pelas atitudes mentais sadias e vigorosas -, razão pela qual temo-os separados de vós outros, mantendo-os isolados.

(Irmão João)



(M. S. - Y.A.P. - Cap. 3, págs. 246/258 - 2ª parte)

3.4 - MANICÔMIO FEMININO

“ - São as suicidas que apresentam maior grau de responsabilidade na prática do delito e que, por isso mesmo, arrastam o maior cabedal de prejuízos para o futuro (...) Muitas,, conspurcaram as leis do Matrimônio, atraíçoando a moral do compromisso conjugal (...) como também as leis da Criação, negando-se às funções da Maternidade e entregando-se às paixões e aos vícios terrenos (...) Expulsavam das próprias entranhas, furtando-se aos compromissos meritórios e sublimes da Maternidade, os corpos em gestação..., o que equivale dizer que, cientes do que faziam, cometiam infanticídios abomináveis!”

Pertencem a todas as classes sociais terrenas, mas aqui se nivelam por idêntica inferioridade moral e mental!

Ao longo dos seus corpos entenebrecidos pelas impurezas mentais, notavam-se placas quais chagas generalizadas (...) Tratava-se da reprodução mental de embriões humanos que tenderiam a se desenvolver outrora,, permanecendo, todavia, sua imagem refletida no perispírito da genitora infiel (...) Várias daquelas criminosas entidades viam-se desfiguradas por três, por cinco, dez imagens pequeninas, o que lhes alterava sobremodo as vibrações, desarmonizando-lhes completamente o estado mental (...) Eram quais moscas a zumbirem inalteravelmente em torno de mísero canceroso, desorientando-o até à loucura em vista dos inevitáveis desequilíbrios daí derivados! Apresentavam-se algumas, além do mais, plenamente obsidiadas pelas individualidades que deveriam habitar aqueles corpos repudiados.

(Vicência de Guzman)

4. TRATAMENTO DOS SUICIDAS

4.1 - PRECE

“Em qualquer lugar onde se acharem duas ou mais pessoas reunidas em meu nome, eu estarei entre elas.”

(Mateus, 18:20)

Existia em cada dormitório certo aparelhamento delicadíssimo, estruturado em substâncias eletromagnéticas, que, acumulando potencialidade inavaliável de atração, seleção, reprodução e transmissão, estampava em região espelhenta, que lhe era parte integrante, quaisquer imagens e sons que benévola e caridosamente nos fossem dirigidos. Quando um coração generoso, pertencente às nossas famílias ou mesmo para nós desconhecido, arremessasse vibrações fraternas pelas imensidões do Espaço, ao Pai Altíssimo invocando mercês para nossas almas enoçadas pelos dissabores, éramos imediatamente informados por luminosidade repentina, que, traduzindo o balbucio da oração, reproduzia também a imagem da personalidade operante.

... o genial aparelho só era suscetível de registrar as invocações sinceras, aquelas que, pela natureza sublimada das vibrações emitidas no momento da Prece, se pudessem harmonizar às ondas magnéticas transmissoras capazes de romper as dificuldades naturais e chegarem às mansões excelsas, onde a Prece é acolhida entre fulgores e bênçãos.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 4, págs. 83/84 - 1ª parte)



As solenidades do Ângelos encontravam-nos, freqüentemente, ainda no parque. (...) Pelos recantos mais sombrios da Colônia ressoavam então doces acordes, melodias suavíssimas, entoadas pelas vigilantes. (...) Todavia, não éramos obrigados a orar. Fa-lo-íamos se o quiséssemos. Em Cidade Esperança, porém, jamais tivéramos conhecimento de que algum aprendiz ou interno recusasse agradecer ao Nazareno Mestre ou à sua Mãe boníssima, por entre lágrimas de sincera gratidão, as mercês recebidas do seu inapreciável amparo!
(M. S. - Y.A.P. - Cap. 2, págs. 448/449 - 3ª parte)

A prece, meus caros irmãos, será o vigoroso baluarte capaz de manter serenos os vossos pensamentos à frente das tormentas oriundas das experiências e renovações indispensáveis ao progresso que fareis. (...) Impulsionados pela oração bem sentida e compreendida, aprenderéis, progressivamente, a mergulhar o pensamento nas regiões festejadas pelas claridades celestes, e voltareis esclarecidos para o desempenho das mais árduas tarefas! (...) O que é preciso, o que se torna urgente e inadiável é querer iniciar a tentativa, é vos arrojardes, vigorosamente reanimados pela mais viva coragem que puderdes convocar nas profundezas do ser, para a caminhada pelos compensadores canais da prece...
(M. S. - Y.A.P. - Cap. 1, págs. 433/434 - 3ª parte)

4.2 - NAS CASAS ESPÍRITAS

Não obstante a eficiência de métodos apreciáveis, mesmo no recinto do Hospital e, mais ainda, entre os asilados do Isolamento e do Manicômio, existiam aqueles que não haviam conseguido reconhecer ainda a própria situação com a confiança que era de esperar. Permaneciam atordoados, semi-inconscientes, imersos em lamentável estado de inércia mental, incapacitados para quaisquer aquisições facultativas de progresso. Urgia despertá-los. Urgia chocá-los com a revivescência de vibrações animalizadas a que estavam habituados, tornando-os capazes de algo entenderem através da ação e da palavra humanas! Que fazer, se não chegavam a compreender a palavra harmoniosa dos mentores espirituais, tampouco vê-los com o desembaraço preciso, aceitando-lhes as sugestões caridosas, muito embora se materializassem eles quanto possível, a fim de mais eficientes se tornarem as operações?
... Os serviços a serem prestados pelos veículos humanos - os médiuns - deveriam ser voluntários. Absolutamente nada lhes seria imposto ou exigido..... Os médiuns deveriam contribuir com grandes parcelas de suas próprias energias para alívio dos desgraçados que bateriam à porta. Esgotar-se-iam, provavelmente, no caridoso afã de lhes estancar as lágrimas. Seria até mesmo possível que, durante o tempo que estivessem em contato com eles, impressões de indefiníveis amarguras, mal-estar inquietante, perda de apetite, insônia, diminuição até mesmo do peso natural do corpo físico viessem surpreendê-los e afligi-los. Todavia, a direção do Instituto Maria de Nazaré oferecia garantia: - suprimento das forças consumidas, quer orgânicas, mentais ou magnéticas, imediatamente após a cessação do compromisso, ao passo que a Legião dos Servos de Maria, a partir daquela data, jamais os deixaria sem a sua fraterna e agradecida observação.

4.2.1 - EVANGELHOTERAPIA



Iniciada foi, pois, a leitura do Evangelho, seguindo-se explanação formosa e fecunda do presidente terreno, (...) repercutindo gratamente, pela primeira vez, no íntimo de cada um de nós outros, o divino convite para a redenção. (...) Para os Espíritos que se aglomeravam no recinto, porém, invisíveis à quase totalidade dos circunstantes humanos, e, particularmente, para os desditosos que para ali foram encaminhados a fim de se esclarecerem, havia muito, muito mais. (...) Para estes, são figuras, vultos, seqüências que se agitam a cada frase do orador! É uma aula - estranha, singular terapêutica! - que nos ministravam qual medicação celeste a fim de balsamizar nossas desgraças! A palavra, vibração do pensamento criador, repercutindo em ondas sonoras, onde se retratavam as imagens mentais daquele que a proferia, e espalhando-se pelo recinto saturado de substâncias fluido-magnéticas apropriadas e fluidos animalizados dos médiuns e assistentes encarnados, é rapidamente acionada e concretizada, tornando-se visível graças a efeitos naturais que as forças mentais conjugadas dos Tutelares reunidos no Templo, com as dos demais cooperadores em ação, produziam. (...) A palavra assim trabalhada no maravilhoso laboratório mental, assim modelada e retida por eminentes especialistas devotados ao bem do próximo - corporificou-se, tornou-se realidade, criada que foi a cena viva do que foi lido e exposto! (...) até (...) os infelizes desencarnados (...) tudo compreenderem com facilidade!

4.2.2 - PSICOFONIA

Apossando-se de um aparelho carnal que, piedosamente, por momentos lhe emprestavam, mo intuito cristão de beneficiá-lo, por ajudá-lo a conseguir alívio, o desgraçado suicida sentiu, em toda a sua plenitude, a tragédia que havia longos anos vinha experimentando o seu viver nas trevas do martírio inconcebível!... pois tinha agora, ao seu dispor, outros órgãos materiais, nos quais suas vibrações, ardentes e tempestuosas, esbarrando brutalmente, voltavam plenamente animalizadas para produzirem no seu torturado corpo astral repercussões minuciosas do que fora passado! (...) Era como sedativo divino que piedosamente gotejasse virtudes hialinas sobre suas chagas anímicas, através do filtro humano representado pelo magnetismo mediúnico, sem o qual o infeliz não assimilaria, de forma alguma, nenhum benefício que se lhe desejasse aplicar! (...) Grata sensação de alívio perpassava suas fibras perispirituais doloridas pelos amargores longamente suportados ...

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 6, págs. 136/140/155-56/160/164 - 1ª parte)

... freqüentemente, são conduzidos à Terra a fim de lograrem benefícios ao contato de médiuns moralmente aptos a favorecerem irradiações fluídicas capazes de agirem beneficentemente, auxiliando-os no despertar...

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 3, pág. 263 - 2ª parte)

4.2.3 - ALERTA AOS MÉDIUNS

Não contávamos, porém, com o empeco desconcertante que é o pouco desejo existente no coração dos médiuns de sinceramente se ativarem em torno dos ideais cristãos, que eles julgam defender quando permanecem incapazes para uma só renúncia, avessos aos altos estudos a que será obrigado todo aquele que se julgar iniciado, amornados no desamor à



redenção de si próprios e de seus semelhantes, aos quais têm o dever sagrado de defender da ignorância relativa às coisas espirituais, uma vez dotados, como são, de faculdades para tanto apropriadas; (...) E é com a mais profunda tristeza que assinalamos (...) o desgosto de quantos se interessam pelo bem da Humanidade, em Além-túmulo, ao observar a falta de vigilância mantida pelos médiuns em geral, seus parcos desejos de se desprenderem dos atrativos como das ociosidades imanentes ao plano material, esquivando-se ao dever urgente de se despojarem de muitas atitudes nocivas ao mandato sublime da mediunidade, das quais a voz dulcíssima do Bom Pastor ainda não conseguiu desprendê-los!

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 4, págs. 485-86, 3ª parte)

4.3 - REENCARNAÇÃO

Comumente é o próprio pretendente ao renascimento que escolhe as provações por que passará, e tais testemunhos tanto poderão ser efetivados num corpo relativamente são, quando dominem os sofrimentos morais superlativos, como num mutilado ou tolhido por enfermidades irremediáveis, tais sejam os agravantes da falta, os deméritos acumulados... Assim sendo, o próprio paciente organizará o traçado dos mapas para o seu futuro estado corporal e a programação dos acontecimentos principais e inevitáveis que deverá viver.... mas assistido sempre por seus mentores dedicados.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 3, págs. 271-72 - 2ª parte)

Uma vez estudado (...) o teor dos apontamentos (...) seguiam ordens para a seção de Modelagem, ... no sentido de esboçar o corpo futuro tal como as instruções determinavam, a saber:

- a) - mutilado desde o nascimento;
- b) - passível de o ser no decurso da existência, por enfermidade ou acidente;
- c) - passível de aquisição de doenças graves e incuráveis;
- d) - normais.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 6, pág. 352 - 2ª parte)

Reencarnação das Entidades do Manicômio:

No momento em que se atenua o estado de prostração, encaminhá-los-emos a novos renascimentos, sem que na realidade dêem por isso, o que equivale dizer que serão incapazes de algo solicitarem para a existência nova (ainda porque para tanto lhes escasseariam méritos), Conosco permanecerão apenas o tempo necessário para se refazerem das crises mais violentas (...) Partirão para o novo renascimento tais como se acham, pois não há outro remédio capaz de minorar a profundidade dos males que carregam. Levarão para o futuro corpo, que moldarão com a configuração maculada com que presentemente se encontram, todos os prejuízos derivados da dissolução dos costumes de que se fizeram incontidos escravos (...); estes nada mais representam que pequena malta de futuros leprosos que renascerão entre as amarguras das sombrias encostas do globo terrestre, nos planos miseráveis da sociedade planetária; de cancerosos e paralíticos, de débeis mentais e idiotas,



nervosos, convulsos, enfermos incuráveis rodeados de complexos desorientadores para a medicina terrena, desafiando tentativas generosas da nobre ciência (...) Somente nós outros, portanto, os governadores do Manicômio, assim como os técnicos do Departamento de Reencarnação, trataremos dos acontecimentos em torno deles, de acordo com a justiça das leis estatuídas pelo Criador e sob os ditames da amorosa caridade do Mestre Salvador... !
(M. S. - Y.A.P. - Cap. 3, págs. 259-60/ /264 - 2ª parte)

A Excelsa Misericórdia encaminha, geralmente, tais casos, tidos como os mais graves, a reencarnações imediatas onde o delinqüente completará o tempo que lhe faltava para o término da existência que cortou. Conquanto dolorosas, mesmo anormais, tais reencarnações serão preferíveis às desesperações de além-túmulo, evitando, ao demais, grande perda de tempo ao paciente. Veremos então homens deformados, mudos, surdos, débeis mentais, idiotas ou tardos de nascença, etc. É um caso de vibração, tão-somente. O perispírito não teve forças vibratórias para modelar a nova forma corpórea, a despeito do auxílio recebido dos técnicos do mundo invisível. Assim concluirão o tempo que lhes faltava para o compromisso da existência prematuramente cortada, corrigirão os distúrbios vibratórios e, logicamente, sentir-se-ão aliviados. Trata-se de uma terapêutica, nada mais, recursos exigidos pela calamidade da situação.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 1, pág. 211 - 2ª parte)

Não estando em condições de alguma coisa escolherem voluntariamente, a Lei impõe-lhes a renovação carnal, para conquista de melhor situação, (...) e urgentemente necessitadas de melhorias vibratórias, renascerão em qualquer meio familiar terreno onde igualmente haja resgates dolorosos a se confirmarem ou bastantes cristãos e abnegados para que queiram fazer a caridade de recebê-las por amor a Deus ... o que não será assim tão fácil. (...)

Renasceriam, expiando o erro fatídico, calamitoso, (...), loucas irremediáveis, na tentativa de corrigenda para as desarmonias vibratórias, uma vez que tais casos (Manicômio Feminino) são irremediáveis na situação espiritual; seriam repulsivos monstregos, deformados, enfermos, cujo grau de anormalidade levaria os homens a duvidar da Sabedoria de um Deus Onipotente, quando justamente estariam estes diante de formosa página da Excelsa Sabedoria! E outras marchariam para as trevas exteriores, onde rangeriam os dentes e chorariam até que se pudessem libertar do maior opróbrio que pode deprimir o Espírito de uma mulher à frente do seu Criador e Pai! As trevas exteriores, porém, não mais eram do que estágio terrível em habitações planetárias inferiores à Terra, o degredo vergonhoso daquele que não mereceu acato entre as sociedades civilizadas de um planeta que tende a se elevar no concerto do progresso, rumo à Fraternidade e à Moral!

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 6, págs. 539/540/542 - 3ª parte)

4.4 - REGRESSÕES AO PASSADO ESPIRITUAL

“- Qual a utilidade disto, Revmo. Padre? ...

- Raciocinas bem! Com efeito, trata-se de um sacrário de operações transcendentalíssimas, meu amigo! O aparelho que vedes, harmonizado em substâncias extraídas dos raios solares - cujo magnetismo exercerá a influência do ímã -, é uma espécie de termômetro ou máquina fotográfica, com que costumamos medir, reproduzir e movimentar os pensamentos... as



recordações, os atos passados que se imprimiram nos refolhos psíquicos da mente, e que, pela ação magnética, ressurgem, como por encanto, dos escombros da memória profunda de nossos discípulos, para impressionarem a placa e se tornarem visíveis como a própria realidade que foi vivida! (...)"

O que, porém, em verdade nos alarmava não era o sermos totalmente conhecidos deles, mas a possibilidade de vermos, nós mesmos, essas fotografias do passado; de assistirmos, nós mesmos, às monstruosas cenas que fatalmente se refletiriam no insuspeitável espelho, analisando-as e medindo-as, o que inesperadamente surgia para nós como patíbulo infamante que nos aguardaria com um novo gênero de suplício!

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 2, págs. 233-34 - 2ª parte)

"Senta-te à frente deste espelho, sob o pálido magnético que irá fotografar teus pensamentos e recordações! (...) Rememora todos os atos que praticaste em torno de teus pais (...) Assistirás ao desfile de tuas próprias ações e serás julgado por ti mesmo, por tua consciência, que neste momento receberá o eco poderoso da realidade que passou e da qual não se poderá furtar, porque foi fiel e rigorosamente arquivado nos refolhos imperecíveis da tua alma imortal!.."

(Olivier de Guzman)

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 2, pág. 238 - 2ª parte)

Tive a impressão extraordinária e magnífica de me achar diante do meu próprio "eu" - ou do meu duplo -, se assim me posso expressar, tal como à frente de um espelho passasse a assistir ao que em minha própria memória se ia sucedendo em revivescência espantosa! (...) Continuava lúcido e raciocinava, refletia, pensava, agia, o que indicava que me encontrava na posse absoluta de mim mesmo... embora retrocedesse na escala das recordações acumuladas durante séculos!... Perdi, pois, a lembrança do presente e mergulhei a Consciência no Passado... Eu porém, não recordava, simplesmente: - eu vivia essa época, estava nela como realmente estive!

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 2, pág. 492-93 - 3ª parte)

... muito inspiradamente andou a direção desta Colônia de reclusos adotando tal método para instrução de seus internos, por serem impossíveis, através dele, interpretações pessoais, conceitos errôneos, sofismas ou interpolações!

(Aníbal de Silas)

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 2, pág. 441 - 3ª parte)

4.5 - CURSOS E REFORMA ÍNTIMA

Advirto-te de que, a partir deste momento, diariamente farás um exame sobre ti mesmo, provocado por nós, lento, gradativo, minucioso, que te faculte a convicção da urgência na reforma interior de que careces.

(Olivier de Guzman)

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 2, pág. 238 - 2ª parte)



... as Academias onde o infeliz que atentara contra o sacrossanto ensejo da existência terrena deveria habilitar-se para as decisivas reformas pessoais que lhe seriam indispensáveis para, mais tarde, depois de nova encarnação terrena, onde testemunhasse os valores adquiridos durante os preparatórios, ser admitido na verdadeira Iniciação. (...)

Sereis matriculados em nossas escolas, uma vez que apresentais o necessário desenvolvimento moral e mental para a aquisição de esclarecimentos que vos permitirão próxima reencarnação recuperadora, capaz de vos fornecer a reabilitação decisiva do erro em que sucumbiste. (...)

Deveis, por isso mesmo, iniciar conosco um curso de reeducação moral-mental-espiritual, que é o que vos tem faltado, já que as predisposições para tão alto feito acudiram aos apelos desesperados dos sofrimentos por que passais! (...)

Não saireis deste local, alçando esferas espirituais mais compensadoras, enquanto de nosso Instituto, ou de vossas Consciências, não receberdes certificados de reabilitação, os quais conferirão ingresso em habitações normais na hierarquia da evolução, e tais certificados, meus amigos, somente vos serão confiados após a reencarnação que deveis abraçar, uma vez terminado o curso iniciado neste momento...

(Irmão Sóstenes)

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 1, págs. 415/420-21-22 - 3ª parte)

Aníbal entrou a comentar a urgência de cada um de nós, como da Humanidade inteira, quer do plano físico-terreno ou do Invisível inferior e intermediário, se reeducar sob a orientação das fecundas normas cristãs.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 1, pág. 432 - 3ª parte)

“ - Nenhuma tentativa para o reerguimento moral será eficiente se continuarmos presos à ignorância de nós mesmos! Será indispensável, primeiramente, averiguarmos quem somos, donde viemos e para onde iremos, a fim de que nos convençamos do valor da nossa própria personalidade e à sua elevação moral nos dediquemos, devotando a nós mesmos toda a consideração e o máximo apreço....”

(Epaminondas de Vigo)

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 3, pág. 468 - 3ª parte)

Convém enumerar as palpitantes matérias estudadas e auscultadas por nós outros até onde nos permitiram as forças mentais que possuíamos:

- Gênese planetária ou Cosmogonia - Pré-História
- A evolução do ser
- Imortalidade da alma
- A tríplice natureza humana
- As faculdades da alma
- A lei das vidas sucessivas em corpos carnis terrenos, ou reencarnações
- Medicina Psíquica
- Magnetismo - Noções de magnetismo transcendental
- Moral Cristã
- Psicologia - Civilizações terrenas

Alternados com as aulas de Evangelho, (...) nossos estudos eram enriquecidos com a prática e



a exemplificação.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 3, pág. 467 - 3ª parte)

4.6 - AULAS PRÁTICAS

A fim de bem conhecermos certas particularidades da personalidade humana partíamos, então, com nossos mestres, em caravanas de estudos práticos. (...) Visitávamos os Departamentos Hospitalares, observando, quais acadêmicos de Medicina, a constituição dos corpos astrais dos nossos irmãos ali detidos (...) Descíamos à Terra, periodicamente, visitando-a durante anos consecutivos, em estágios de algumas horas, pelos hospitais e Casas de Saúde, estudando o fenômeno dos desprendimentos, sempre assistidos por eminentes individualidades da Pátria Espiritual, assim como pelas casas particulares e até prisões, à espera de sentenciados à pena capital (...) Era bem certo que jamais assistimos a qualquer cena de assassinio, ou catástrofe. Chegávamos sempre após o drama, a tempo de colhermos a necessária elucidação. (...) O aprendizado implicava a contemplação de muitas desgraças alheias, dores superlativas, intraduzíveis angústias, misérias e desesperações diante das quais corriam nossas lágrimas, arfava doloridamente nosso seio, compungiam-se nossos corações. Mas era também preciso aprender, com esses espetáculos, o domínio das emoções, impor serenidade às forças mentais como ao sentimento, tratando, antes, de refletir, a fim de aplicar esforços no sentido de auxiliar e remediar situações, sem perder tempo precioso com lamentações estéreis e lágrimas improdutivas. Semelhantes impressões atingiram o seu clímax quando nos vimos obrigados à observação dos desprendimentos prematuros ocasionados por suicídio! (...) Era quando toda a energia, toda a caridade e sábia assistência de nossos Guardiães entravam em ação, impondo silêncio às nossas emoções, repelindo veementemente nossas truanices alucinatórias, chicoteando, ao contato benévolo de suas terapêuticas fluídicas, as excitações mentais provenientes das recordações, até que o presente se impusesse!

Voltamos, destarte, ao Vale Sinistro, integrando as caravanas de socorro, fiéis ao aprendizado sublime, e, ali, chorando sobre nossa mesma desgraça, tivemos ocasião de assistir irmãos nossos imersos na mesma situação de calamidade que tão bem conhecíamos.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 3, pág. 464-65-66 - 3ª parte)

Até mesmo avantajados elementos da medicina psíquica adquiri ao contato dos mestres, durante aulas de Ciência e no desempenho de tarefas junto às enfermarias do Hospital Maria de Nazaré, onde sirvo há doze anos (...) Tal aptidão valer-me-á o poder tornar-me “médium curador”, mais tarde, quando novamente habitar a crosta do planeta.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 7, pág. 546 - 3ª parte)

O escritor português Camilo Castelo Branco, autor espiritual do livro Memórias de um Suicida com o pseudônimo de Camilo Botelho, desencarnou via suicídio direto - um tiro no ouvido - no mês de janeiro do ano de 1891, após descobrir que ficaria cego. Permaneceu 52 anos no mundo astral - tempo considerado longo para um suicida - estando 15 anos no Vale dos Suicidas, 3 anos como interno no Hospital Maria de Nazaré, optando, antes do mergulho na matéria, cursar as faculdades da Cidade Universitária, onde permaneceu por 34 anos em estudos e estágios variados. Escolheu reencarnar num corpo sadio que lhe permitisse trabalhar como médium nas lides da Doutrina Espírita. Aos 40 anos, tendo em vista o seu



processo cármico, deliberou ele mesmo a cegueira irremediável, com a qual conviveria por 20 anos, até o seu desenlace natural. (Nota da Comissão Doutrinária do FAE)

A cada lição do Evangelho do Senhor, (...) seguiam-se testemunhos nossos, na prática entre os humanos e os desventurados sofredores, assim como análises de temas que deveríamos desenvolver e apresentar a uma junta examinadora, a qual verificaria nosso aproveitamento e compreensão da matéria. Frequentemente, pois, produzíamos peças vazadas em temas elevados e inspirados no Evangelho, na Moral como na Ciência, romances, poemas, noticiários, etc, etc. Uma vez aprovados, estes trabalhos poderiam ser por nós ditados ou revelados aos homens, porquanto instrutivos e educativos (...) E quando reprovados repetiríamos a experiência até concordar plenamente o tema com a Verdade que esposávamos e também com as expressões da Arte, de que não poderíamos prescindir.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 4, pág. 482-83 - 3ª parte)

4.7 - ARTE EVANGELIZADA

Os dias consagrados a tais exames eram festivos para todo o Burgo da Esperança. Legítimos certames de uma Arte Sagrada - a do Bem -, o encanto de que tais reuniões se destacava ultrapassava todas as concepções de beleza que antes poderíamos ter!

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 4, pág. 482-83 - 3ª parte)

Progredíamos em conhecimentos obtendo (...) noções de Arte Clássica Transcendental, de que eram dignos expoentes não apenas nossos mestres, como outros que carinhosamente nos visitavam, e até nossas vigilantes, que ensaiavam com eles nova modalidade de servir a Deus e à Criação, isto é, utilizando-se do Belo, empregando a Beleza!... pois convém acentuar que nossos mestres, em sendo cientistas, também se revelavam estetas, enamorados da Suprema Beleza que se origina do Sempiterno Artista!

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 3, pág. 453 - 3ª parte)

Sucediam-se os concertos: cânticos orfeônicos atingiam expressões miríficas; peças musicais perante as quais as mais arrebatadas melodias terrenas empalideceriam; certames poéticos em cenas de declamação cuja suntuosidade tocava o inimaginável, arrebatando-nos até ao êxtase! (...) Só se admitia, no entanto, a Arte Clássica. Em nossa Cidade Universitária jamais presenciamos o regionalismo de qualquer espécie.

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 7, pág. 554 - 3ª parte)

- Nas extremidades do Campo, temos certas manifestações que atendem ao gosto pessoal de cada grupo dos que ainda não podem entender a arte sublime; mas no centro, temos a música universal e divina, a arte santificada, por excelência.

Na Terra, há pequenos grupos para o culto da música fina e multidões para a música regional. Ali, contudo, verificava-se o contrário. O centro do Campo estava repleto. (...) Era a expressão natural de tudo, a simplicidade confundida com a beleza, a arte pura e a vida sem artifícios.

(Lísias e André Luiz)

(Nosso Lar - André Luiz - Cap. 45, págs. 250/51)

4.7.1 - ARTE CURA



“... Prontos a iniciar, Rembrandt se dirigiu aos visitantes em nome de artistas e dirigentes da colônia:

- Irmãos de ideal crístico, tomamos a liberdade de preparar-vos uma pequena mostra do trabalho que tanto comoveu nossa Maior Benfeitora e que a fez patrocinar com sua bondade de mãe nossos desejos de melhor servir em nome d’Ele a todos os que sofrem. Corações ligados ao dela, apreciaremos as muitas surpresas desta tarde.

E retirando-se, deu por iniciada aquela festa espiritual.

O que começou a acontecer então diante dos olhares atônitos e emocionados da platéia, só pobrememente poderemos descrever.

Dramatização e música, poesia e mímica, balé e canto coral, um a um os números apresentavam em múltiplas facetas, o Evangelho do Senhor, cantado, dançado e representado com inexecdível Amor e Veneração. Pintores e escultores, orquestras e solistas, faziam jorrar de suas obras, realizadas ao vivo, vibrações de paz e alegria sem par. Cintilações de cores belíssimas se mesclavam aos júbilos fraternais saindo diretamente do coração espiritual dos artistas, de suas vozes, de suas mãos, banhando profusamente, um a um, os seres da platéia em êxtase.

Enquanto fixavam a atenção na beleza ímpar do espetáculo, os enfermeiros e médicos, sob uma orientação maior, iam medicando, balsamizando feridas, limpando perispíritos dos assistentes mais necessitados, que, concentrando-se mentalmente naquilo que se passava diante deles, nada mais percebiam, nem mesmo o socorro que recebiam de médicos e enfermeiras.

Finalizados há um só tempo espetáculos e curativos, encerrava a apresentação da peça de encantador balé. A cada movimento das ágeis bailarinas, de suas vestes diáfanas coriscavam energias revigorantes, a restaurar as forças morais dos espíritos presentes. Do alto, coroando o final, chuva de delicados jasmíns perfumou o ambiente envolvendo a todos, doentes, convidados e trabalhadores, num clima de profunda paz.

Profundamente sensibilizados com o que vivenciavam, os convivas de esferas mais altas, acompanhados dos artistas e trabalhadores da saúde, reuniram-se em breve a Diain, numa sala isolada, parabenizando seus anfitriões pela belíssima apresentação que unira Evangelho e Arte num só e fulgurante elo, cativando corações para o Mestre dos Mestres.

Convidados a apresentarem-se, foram logo se acomodando em volta da mesa alongada, em cuja superfície vítrea ondulavam cintilações verde-esmeralda, deram-se as mãos durante a mentalização do Pai Nosso.

Marcada em paragens sidéreas luminosíssimas, iniciava-se, sob a direção de Diain, a assembléia de esperança que fora convocada por Maria, a protetora das Famílias e dos Lares. Sereno e complacente, o oriental de faces encantadoras assim dirigiu-se aos seus companheiros:

- Irmãos em Cristo,

Aqui reunidos para deliberar sobre honroso convite de nossa benfeitora, o que assistimos há pouco foi uma demonstração em pequena escala do trabalho que a Arte, nesta Colônia de dores e reparações, vem realizar para suavizar um pouco o sofrimento das criaturas e em nome de Nossa Mãe começamos a experimentar a união de medicina e arte num mesmo esforço socorrista dos planos espirituais.

Gostaria que nossos irmãos encarregados das áreas mais específicas desta tarefa, Rembrandt e Adolfo, detalhassem para nós as particularidades deste projeto que foi desenvolvido aqui



junto aos suicidas.

Irmão Rembrandt, por favor, fale-nos sobre o papel da Arte neste plano que, em sua segunda etapa, será também realizado entre os encarnados, mas irá iniciar-se junto às camadas de sofrimento aqui mesmo na Espiritualidade.

Tomando a palavra, explanou Rembrandt sobre o assunto:

- Como todos sabemos, a Arte pura é a mais elevada contemplação espiritual que as criaturas podem alcançar. O trabalho da Arte e do artista, ligados a Deus, foi sempre o de fazer vibrar o sentimento humano em uníssono com o Divino Amor.

Durante nossas representações artísticas a luz espiritual que emana da Arte feita com Amor é fundamental para a elevação dos sentimentos em direção ao bem.

Livres das restrições da fisicalidade, onde nossa força mental é grandemente tolhida, nossos pensamentos e sentimentos, agindo em harmonia, tornam-se um dínamo espiritual, gerador de luzes multicores como as que vimos exteriorizadas pelos artistas em cena. O estado emotivo que as vibrações positivas criam é algo semelhante à afinação dos diversos instrumentos de uma orquestra a fim de que seja tocada num mesmo tom a música a executar. Harmonizados os artistas num mesmo tom, ou seja, o desejo de salvar para Cristo, suas emoções e experiências individualizadas transformam-se em luzes, como se o artista fora um gerador de energias mais profundas, produzindo intensa corrente vibratória que irá atingir aos que lhe estiverem próximos.

É sabido que a luz estimula a crescer; todas as coisas vivas dependem dela para se manter em equilíbrio. A luz é, portanto, em nosso plano, uma das maiores forças do Universo, visto que suas irradiações visíveis ou invisíveis, pressionam os demais corpos, como já o comprovou até mesmo a cética ciência terrena.

Se soubermos dirigir estes jatos luminosos sobre os necessitados, tendo nossa mente centralizada na oração, os induziremos a se colocar em breve tempo em comunicação com as Esferas Superiores. Neste estado, os doentes expandem sua aura, exteriorizando com mais facilidade seus íntimos dissabores e anseios, numa limpeza d'alma sem igual.

Ao mesmo tempo, ao tornarem, pela expansão da aura individual, visíveis suas mazelas, é mais fácil se conseguir o diagnóstico das moléstias que afligem seus perispíritos.

Com a Arte, estaremos realizando a cura pelas cores durante o espetáculo.

Criando em cada festa espiritual clima propício à pregação evangélica, estes festivais abertos a todos, sem distinção, serão como um chamariz, uma isca, um arauto apregoando, em todos os lugares de sofrimento e dor, o convite divino, como os enviados do rei para o convite do festim de bodas, para o reencontro dos filhos pródigos com o Pai.

Será desta forma que os espíritos com tarefas na Arte colaborarão neste novo empreendimento de paz.

Sendo uma das funções do perispírito a de absorver as energias da luz e redistribuí-las, influiremos com os raios coloridos emanados de nossas apresentações cristãs, na modificação dos ideais de nossos companheiros mais sofridos. Arte e terapia, cor e vida é o que oferecemos, senhores.

O interesse dos presentes era evidente. Retomando a direção da conversa, levantou-se o oriental, agora mostrando ao seu redor cintilante aura azul cerúlea. Olhando a marcante figura de Adolfo, Diain o convida a explanar por sua vez sobre a atuação médica no projeto ali estudado.



- Caros irmãos, começou, vosso adiantamento espiritual já vos deu inúmeras chances de estudarem mais a fundo o quanto os processos de saúde e enfermidade, harmonia e desarmonia são associados e dissociados conforme a direção mental que recebam da nossa vontade.

Os doentes a que nos referimos são em sua grande maioria, pessoas desorientadas, sem o comando da razão, sem o domínio da própria mente. Escravizada ainda pelos instintos, a maioria de nossos irmãos se deixa conduzir por eles, sem a força da razão a lhes equilibrar os descaminhos. Seus desequilíbrios morais, agredindo as divinas leis de sustentação da vida, vão macerando seus corpos, o físico e o espiritual, até que a doença se instale.

Toda emanção mental menos digna se reflete imediatamente no campo magnético em torno da criatura, pontilhando de manchas a sua aura, inundando-a de corpúsculos mentais que alteram a sua cor e frequência naturais.

Em seres sadios, a aura splende naturalmente e a podemos ver tão claramente como vemos a que envolve nosso irmão Diain. Mas no estado de doença projetados por mentes enfermiças, a aura como que se interioriza, tornando-se quase invisível e dificultando nossos exames do campo magnético essencial.

Essa descompensação vibratória cessa quando em estados mentais positivos, o paciente em simbiose mental com o grandioso espetáculo artístico que assiste, interrompe a corrente de pensamentos viciosos de ódio e autopiedade que o envolvem, libertando, sem interferências ou frustrações, seus pensamentos e desejos mais íntimos.

Ampliando-se desta forma, pelo toque sutil da arte, seu campo mental, a aura reaparece, e em seu espectro eletromagnético, todos os centros de força e desequilíbrio carregado por aquela criatura são visíveis a olho nu.

E enquanto nossos irmãos necessitados estiverem livres de toda tensão, sintonizados com a corrente mental do espetáculo edificante, terão os trabalhadores da área da saúde espiritual melhores condições de diagnóstico e tratamento aos doentes.

Sem que eles sequer se apercebam, enquanto a arte lhes harmoniza e saneia as mentes, nós estaremos medicando, estabilizando e curando seus corpos espirituais. (...)

Em condições normais muitos desses irmãos não nos permitiriam sequer nos aproximássemos. Após socorrermos um a um, acabada com o sucesso a festa das artes da qual participaram vivamente, sem restrições ou censuras e aliviados de suas dores, estarão tão comovidos que aceitarão com mais brandura nossas orientações. Aliviados de suas dores morais e infinitamente melhor em seus corpos espiríticos, estarão mais ao alcance das aquisições celestiais. É assim que a medicina atuará nos festivais de arte, como o quer nossa protetora Maria de Nazaré. ”

(Pescadores de Almas - Walkíria Kaminski - Cap. O mandamento Maior)

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 6, págs. 535/539 - 3ª parte)

5. MARIA DE NAZARÉ - PROTETORA DOS SUICIDAS

Vai, Aníbal (instrutor da Mansão da Esperança) ... e dá dos teus labores à Legião de Minha



Mãe! Socorre com Meus ensinamentos, que tanto prezas, os que mais destituídos de luzes e de forças encontrares, confiados aos teus cuidados... Pensa, de preferência, naqueles cujas mentes não desfaleceram sob as penalidades do suicídio... Entreguei-os, de há muito, à direção de Minha Mãe, porque só a inspiração maternal será bastante caridosa para erguê-los para Deus!

Irmão Sóstenes relata a ordem de Jesus à Aníbal
(M. S. - Y.A.P. - Cap. 1, pág. 428 - 3ª parte)

Esta mansão vos pertence. Habitais, portanto, um lar que é vosso, e onde encontrareis irmãos, como vós, filhos do Eterno! Maria, sob o beneplácito de seu Augusto Filho, ordenou sua criação para que vos fosse proporcionada ocasião de preparativos honrosos para a reabilitação indispensável. Encontrareis no seu amor de mãe sustentáculo sublime para vencerdes o negror dos erros que vos afastaram das pegadas do Grande Mestre a quem deveis antes amor e obediência!

(M. S. - Y.A.P. - Cap. 1, págs. 416-17 - 3ª parte)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suicida está para a vida espiritual como o sentenciado para a sociedade terrena: não tem regalias normais, vive em plano expiatório penoso, onde não é lícita a presença de outrem que não os seus educadores, enquanto que ele próprio, dado o seu precário estado vibratório, não logrará afastar-se do pequeno círculo em que se agita... até que os efeitos da calamitosa infração sejam totalmente expungidos.

“ - ...E serás atado de pés e mãos, lançado nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes. Dali não sairás enquanto não pagardes até o último ceitel...” - avisou prudentemente o Celeste Instrutor, desde muitos séculos...
(M. S. - Y.A.P. - Cap. 4, págs. 85/86 - 1ª parte)

Ao suicida cumpre reparar a fraqueza, de que deu provas, curando-se do desânimo que o ata à inferioridade, com testemunhos decisivos de fortaleza e resoluções salvadoras.
(M. S. - Y.A.P. - Cap. 7, pág. 179 - 1ª parte)

...A calma e a resignação, hauridas na maneira de encarar a vida terrestre e na fé no futuro, dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio.
Que é, pois, a vida humana em relação à eternidade, senão bem menos que um dia?
(E.S.E. - Allan Kardec - Cap. V, ítems 14-15)

Os motivos do suicídio são de ordem passageira e humana, as razões de viver são de ordem eterna e sobre-humana. A vida, resultado de um passado completo, instrumento de futuro, é, para cada um de nós, o que deve ser na balança infalível do destino. Aceitemos com coragem as vicissitudes, que são outros tantos remédios para as nossas imperfeições, e saibamos esperar com paciência a hora fixada pela lei equitativa para termo da nossa permanência na Terra.

(O Problema do Ser, do Destino e da Dor – Léon Denis Cap. X)



“Bem -aventurados os que choram, porque serão consolados.
Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.”
(Jesus, São Mateus 5: 4 e 6: 8)

7. BIBLIOGRAFIA ESTUDADA E RECOMENDADA PELA EQUIPE DE DOCTRINA DO FAE:

- O Céu e O Inferno - Allan Kardec
- O Evangelho Segundo O Espiritismo - Allan Kardec
- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
- O Que é O Espiritismo - Allan Kardec

- Ação e Reação - André Luiz
- Entre a Terra e o Céu - André Luiz
- Nosso Lar - André Luiz
- Estudando a Mediunidade - Martins Peralva
- O Consolador - Emmanuel
- O Problema do Ser, do Destino e da Dor - Léon Denis

- Céu Azul - Espírito César Augusto Melero
- Mãos Estendidas - Luiz Sérgio
- Pescadores de Almas - Walquíria Kaminski
- Preciso de Ajuda - Espírito Eduardo
- Universo de Amor e demais obras do autor - Luiz Sérgio.

- Martírio dos Suicidas - Almerindo Martins de Castro
- Memórias de um Suicida - Yvonne Amaral Pereira

Equipe de Doutrina do VIII FAE: Grupo Oficina de Arte (GESB)
APRESENTAÇÃO

Preconceito, é o tema do VII FAE - Festival de Arte Espírita.

Em que pese o grande acesso que o espírita tem ao conhecimento, através de extensa bibliografia, o festival traz nesta edição em debate, um conhecido de tempos imemoriais, mas tão jovem quanto o segundo que se acabou: o orgulho. Nas suas tonalidades sombrias, ele se manifesta nos mais variados matizes, raça, credo, sexo, trabalho, classe social. À separação, à sectarização que o orgulho causa, chamamos preconceito.

Lamentavelmente temos criado mais adjetivos para denegrir, para diminuir, para desprezar, do que para valorizar, para estimular... Nossas palavras, na maioria das vezes, são para fazer crescer nosso eu. E para isso, é preciso diminuir os que estão à nossa volta, ainda que o façamos de forma inconsciente ou invigilante. Quando vemos passar alguém de vestes rotas, um trabalhador braçal ou que simplesmente não se veste dentro do nosso padrão estético, pensamos logo "Que brega!" - quando não exclamamos. Isto é fruto da nossa vaidade e é preciso identificá-la em cada um de nós. Muitas vezes, ela não é fruto da nossa maldade,



mas da nossa ignorância. Sábios ou iletrados, ricos ou pobres, ele está dentro de nós. O orgulho, que nasce da supervalorização do ego, quando adotamos uma posição falsa, um pedestal de fragilidade, admirados num centro utópico de um reino inexistente, cetro cravejado de quimeras, egoisticamente nos dota de uma lente de aumento e destituídos de humildade, nos tornamos cegos diante dos nossos defeitos e o que é pior: Não sabemos ou não queremos ver o valor das outras pessoas, com receio de perder o brilho que ostenta a nossa redoma. Ele impede que haja fraternidade real entre as pessoas, deteriora o relacionamento, separa ricos de pobres, discrimina meninos de rua, prostitutas, homossexuais, negros, deficientes, isola velhos, doentes...

O Cristo vive, em verdade e vida, nas suas palavras de eterna beleza. Estamos carentes dessas verdades porque distantes do Cristo vivemos. Jesus é atual.

Aos religiosos, aos senhores da verdade, nos tempos em que Ele viveu, teria dito Jesus:

"... Eu vim a este mundo para exercer um julgamento, a fim de que aqueles que não veem vejam. e aqueles que veem se tornem cegos. Alguns fariseus que estavam com ele ouviram essas palavras e lhe disseram: - Somos nós, pois também cegos Jesus lhes respondeu: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas agora dizeis que vedes e é por isso que vosso pecado permanece em vós."

(João cap. IX v. 39 40-41).

... Mas agora dizeis que vede, e é por isso que vosso pecado permanece em vós... Não nos parece que as palavras de Cristo se limitaram àquela época. Não assistimos aos duelos quando nos assenhoreamos da verdade? Religiosos se separam, se dividem nas suas casas, se isolam nas suas religiões, por quê?

"... Aquele que estiver sem pecado, que atire a primeira pedra..."

(São João cap. VIII v. 7)

Discriminamos aidéticos, abortadores, maltratamos homossexuais, prostitutas, crucificamos heterossexuais, os queremos fora dos limite da nossa casa, da nossa sociedade e também do nosso meio religioso. A força moral das palavras do Cristo teria perdido seu valor? Ou elas não teriam a ressonância necessárias nos nossos corações?

“Ninguém pode servir a dois senhores: Porque ou odiará um e amará ao outro, ou se afeiçoará a um e desprezará outro. Não podeis servir, ao mesmo tempo, A Deus e a Mamom”.

(São Lucas cap. XVI v. 13)

Nos sentimos grandes, quando detentores de bens materiais, dos cargos ou títulos que a sociedade nos outorga por nossa conquista. Mas, inferiorizar nossos irmãos, nos sentir superiores, por quê? Será que somos tão cegos assim, para pensar que estamos fazendo tudo correto? Então por que não vendermos os nossos bens, como disse o Cristo ao jovem rico?

...O maior e melhor dos homens, nunca quis ser o maior. Era carpinteiro, viveu no meio de prostitutas, mendigos, pobres, não tinha uma pedra onde recostar a cabeça. Foi crucificado no meio de dois ladrões...

Preconceito Pra Quê?

Comissão Central

DEPOIMENTOS

Os depoimentos que se seguem foram recebidos via psicofonia, em reuniões mediúnicas do



Festival de Arte Espírita, que se realizam às terças-feiras no Grupo Espírita Seareiros do Bem. Estas reuniões são de caráter desobsessivo, bem como de desenvolvimento mediúnico no campo da arte e de orientação para os trabalhos artísticos do GESB, incluindo o FAE.
Equipe Mediúnica do FAE/Comissão Central

1) GESB: 01/05/96
Tema: Preconceito
Entidade: Sandro

"O preconceito nasce do orgulho e da ignorância. Muitas vezes deixamos de observar o companheiro ao lado, porque temos preconceito com suas atitudes ou com seus modos para com a vida. Muitas vezes temos preconceito, porque o companheiro é cego, ou porque ele é surdo, ou ainda, porque ele é negro.

Não importa a qualificação do preconceito. Devemos extirpar do nosso mundo íntimo, esta palavra, porque é sentimento agindo, que chega até a pessoa em questão, atingindo-a em suas fibras mais sutis. É impossível sentir o preconceito e deixar que ele não ultrapasse as barreiras fluídicas do perispírito. Sempre atingiremos o alvo, quando olharmos com desdém ou desprezo, para este ou aquele, porque o nosso preconceito cega, faz com que não possamos sentir mais carinho por aquele ser que, até então, nos parecia um ser bom.

Muitas vezes velamos o nosso preconceito com palavras amáveis e dóceis, sem no entanto, deixarmos de impedir que os nossos sentimento vibracionais inferiores, saiam da nossa alma, atingindo o coração do interlocutor.

Quantas vezes, assistindo à TV, emitimos também estas vibrações inferiores, para este ou aquele companheiro, cuja reportagem estava sendo feita.

O preconceito se revela de diversas formas. Temos preconceito pelo pobre, ignorante, que não sabe falar ou escrever direito. Temos preconceito para com o negro, para com o homossexual, para com a prostitutas. Temos preconceito velados, preconceitos que não nos parecem ostensivos por este ou aquele companheiro, que apenas não se veste bem, ou não fala bem, ou pertence a uma classe considerada inferior. Temos preconceito para com os companheiros da religião protestante. Temos preconceito para com aqueles que usam da autoridade.

Quantas vezes emitimos as vibrações de desprezo e desdém, sem emitirmos verbalmente as palavras ?! As situações de preconceito são várias. A própria palavra já diz - é um conceito anterior - não se conhece ainda. Então como julgar sem conhecer ?! Como julgar sem saber quem é ?! Não há como julgar se não conhecemos. E ainda que conhecêssemos, não é direito nosso o julgamento. A nós cabe tão somente, o olhar de condescendência e de respeito para com este ou aquele ser humano; porque podemos todos cair; não importa o erro, devemos nos levantar...

A vida tem seus revezes. Procuremos fazer com que o próximo Festival se pautem pelo não preconceito, primeiramente em nós.

Desculpem-me estas palavras antes mesmos de minha apresentação. Mas já me conhecem, pois fui atendido aqui. Talvez não se recordem, pois são tantos os companheiros... Chamo-me Sandro. Ainda trago em meu braço as lesões das drogas que usei, e meu perispírito ainda sofre lesionado pela aids, com a qual desencarnei.



Vida requer amor, luz, esclarecimento, conhecimento, respeito, simplicidade, bondade e humildade.

Deixo estas palavras ciente de que cada um de vós tem um preconceito.

Sou ainda, alvo do preconceito (...) e é doloroso para aquele que já é marginalizado, sentir-se mais marginalizado. (...)

Que Jesus ampare a cada um de nós!"

2) GESB - 1992 - psicografia

Tema: Preconceito social

Entidade: Fernanda

"Nasci em berço de ouro; desde pequena vivi cercada de roupas caras e bonitas. Brinquedos? Eram os que havia de melhor. Desde criança, de nariz empinado, gostava de esnobar as outras crianças, vizinhos e colegas. Sempre com muitos mimos e bajulações em excesso, tudo o que queria, era como se fosse uma ordem; uma vontade que não fosse cumprida, era conseguida com chilikos e manhas.

Desprezava as pessoas de classe inferior a minha; era preconceituosa com relação ao negro. Detestava ver no noticiário a miséria do país; sentia nojo de tudo aquilo. Desta forma, construí meu mundo e nele me tranquei. Nele, não havia miséria, não havia desemprego, não havia pobres - apenas dinheiro, shopping center, festas e boutiques caras. Gastava assim meu dinheiro.

Apesar de tudo, gostava de estudar e entrei para a faculdade de arquitetura. Meus amigos eram os da alta sociedade. Nada me faltava; comecei a usar drogas. Talvez para preencher o meu mundo vazio, minha vida monótona e sem graça - não sei bem o motivo... maconha, comprimidos e cocaína ...

A festa daquela noite era para mim algo muito importante. Desfilava num vestido bonito! A limousine me aguardava do lado de fora... Partimos para a festa. No caminho, um grande desvio. O motorista teve que passar pela periferia da grande Belo Horizonte. O meu nervosismo era grande. Abri o bar do carro e preparei uma dose de whisky. Peguei a coca da bolsa e misturei no copo... Após o desmaio, me vi junto àquelas pessoas que eu mais desprezava - pessoas pobres, sujas - tudo era fétido; aquele lugar me dava vômitos. Queria sair dali e ir para a festa. Meu vestido já estava sujo e rasgado. Desprezava e cuspiava em todos que se dirigiam a mim....

Até que fui atendida por um grupo de oração. No começo, arrogante, como sempre, era como se não tivesse desencarnada; continuava agindo como se todos fossem meus empregados; desprezava quem comigo falava; usava palavras rudes e até mesmo ofendia.

O que me levou a isso? Concluo que foi a vaidade, a arrogância... Hoje, penso que consegui vencer as minhas dificuldades e agradeço aos meus amigos, alguns deles pobres de dinheiro, mas com valores no coração que eu aprendi a admirar - valores que luto por conquistar. (...)

Agradeço pela oportunidade de contar minha história, que estava sufocada no peito. Espero, juntamente com tantos outros jovens samaritanos, que aqui chegaram com tantos problemas, auxiliar com minha experiência. Um abraço apertado a todos. Fernanda."

3) GESB: 17/11/97

Tema: Racismo



Entidade: Antônio Carlos

“Boa noite!

Quase não tenho o que dizer, sou muito novo ainda neste plano de ação. Faz dois meses que desencarnei e ainda não sei bem como estar em casas como esta.

Tive uma morte que se pode dizer no plano físico, de sem motivo. Estava apenas passeando quando encontrei um determinado grupo que não gostava de negros, aqui mesmo no Brasil.

Tentei conversar e tentei manter a calma também, mas não foi possível. Era um grupo radical que trouxe da Alemanha essa conduta, como os "Skins Reds Alemães", os quais não admitem negro ou judeus; este grupo continua batendo em pessoas estranha ao seu meio, mas disfarçam bem de modo que ninguém percebe a origem dos assassinatos ou das situações constrangedoras.

As pessoas temem, não querem falar. Eu não tive oportunidade pra falar, morri ali mesmo de tanto apanhar. Ainda não sei bem o motivo, a implicação espiritual; me disseram que eu entenderia no futuro com o tempo, mas é muito doloroso perceber que jovens como eu, alguns adolescentes, já têm tanta violência, tanta sede de matar, de destruir.

Eu não era um jovem muito apegado ao trabalho, mas também não era de fazer maldades. Tinha as preguiças comuns de todo jovem, mas estudava, trabalhava, tinha família; talvez seja fruto de toda uma violência que é mostrada como se fosse normal, é como ir do cinema, a gente vai, assiste um filme e sai de lá querendo matar, talvez é isso, o jovem se contamina fácil e os mais velhos não procuram orientar de forma correta e aí fica todo mundo perdido nessa violência sem saber o rumo, com isso muitas vezes acabam se perdendo.

Eu tenho 17 anos e morri no Rio Grande do Sul. Não é comum verem-se muitos negros nesta região, mas nós existimos e somos respeitados, com exceção desses grupos que não existem somente em grandes cidades, eles se espalham silenciosamente por todos os lugares, estão levando muitos jovens a se fanatizarem pela purificação de uma raça, quando na realidade já não existem mais diferenciações; somos todos iguais, filhos de um mesmo Pai. A cor é apenas uma necessidade, eu acho, porque Deus escolheu assim, então se Ele escolheu, quem somos nós pra dizer quem é melhor ou maior que o outro?

Tem coisas que eu ainda não entendo, eu só sei que minha cor nunca foi motivo para me envergonhar. Nunca, até aquele dia, eu havia sido humilhado por ser negro.

Meus pais até hoje não sabem porque eu morri; não têm idéia; e se depender de mim, vão continuar sem saber, porque senão vão ficar com tanto ódio no coração, que a praga acaba se espalhando mais, o ódio por si só já basta, não é preciso contaminar ninguém mais. Eu vou embora, só queria deixar um pouco de mim.

Antônio Carlos, é meu nome.

Fiquem tudo com Deus!"

4) GESB: 23/12/98

Tema: Preconceito social e escravidão

Entidade: Antônio Lisboa

Congratulações pela noite! Chamo-me Antônio Lisboa, não pertencço à terra brasileira, mas como boa parte daqueles que para cá vieram tive minha cota de escravos, fui um grande senhor de terras, propriedades, tive todos os tesouros que a terra poderia oferecer.



Mandei e fui obedecido, ordenei e as ordens foram cumpridas, comprei e tive quantos escravos quis, usando da força que o poder monetário é capaz de dar.

Renunciei às alegrias pequenas do dia-a-dia, mesmo quando, por diversas vezes, fosse instado por minha solícita esposa Maria Antônia.

Preso ao poder e aos bens materiais tão transitórios, quanto à própria vida, esqueci-me de olhar os valores familiares, pensando que assim, estaria provendo e prevendo o futuro de minha prole, que afinal não era tão numerosa entre os brancos, mas que se tornou famosa entre os negros, porque exercia esse poder da forma mais sórdida que poderia.

Perdi a conta dos filhos que tive, por não saber mais de quantas mulheres abusei. Errei assim, em diversos planos da vida material, abusando de minha autoridade física contra as mulheres escravas, abusando de minha autoridade monetária contra o direito de liberdade, abusando de minha autoridade familiar para manter esposa e filhas reclusas no próprio ambiente doméstico.

Não tive uma morte digna das maldades que perpetrei contra a raça humana; ao contrário, minha morte foi simples e rápida, um ataque fulminante do coração. Mas o que se passou daí por diante, somente aqueles que me perseguiram, por justa razão, eu - que sofri o peso das conseqüências espirituais de meus atos - e Deus, podem avaliar.

Passei 100 anos entre a morte e o momento de retornar à luz. Em longos anos, sendo perseguido por aqueles a quem maltratei. Consegui permanecer sem reconhecer meus erros por 100 anos, até que um dia, vendo talvez a única, dentre todas as escravas as quais maltratei - a única a quem realmente tive afeto - por um breve instante pude vê-la e percebi ali, através de seu sorriso sincero e do seu perdão, que havia errado imensamente contra todos com quem pude conviver na matéria. E ali, implorando de joelhos e sinceramente arrependimento de todos os males que havia cometido, pedi a ela que me auxiliasse a sair daquele lugar. Humilde, ajoelhei-me ante a antiga escrava para pedir. Compreendi naquele relance, que nada no mundo tira de nós o sentido de nossa pequenez, quando nos encontramos aflitos e necessitados. Esta escrava, que hoje é uma amiga que me auxilia, foi quem me trouxe e através dos estudos, fui compreendendo, assimilando e tendo em meu coração a certeza de que muito ainda devo fazer para me redimir de todos os males cometidos no passado.

Quando puder ser perdoado por todos aqueles a quem lancei um dia a dor, a revolta, o ódio e a vingança, aí então, saberei que realmente estarei pronto para reconhecer e refazer.

Quero esclarecer a todos que não sou, em momento algum, o mesmo senhor. Minha postura, meu modo de ser, a educação que tive impuseram-me as características que possuo e embora a minha aparência arrogante, hoje sei que é apenas aparência. Tenho a certeza de que, em meu coração, sou diferente, porque compreendo hoje, que todos os seres são iguais perante as leis divinas e que ninguém deve ou pode retirar a liberdade de ação, ou mesmo de pensamento, de quem quer que seja.

Abstenho-me de dizer a todos, os detalhes sórdidos de todas as maldades cometidas por mim, para poupar-lhes a sensibilidade, mas digo que como eu, tantos outros ainda estão a perambular sem consciência, mas que necessitam também de receber a luz, para poderem recomeçar a caminhada e trabalhar.

Vim esta noite para vos dizer que todo o trabalho que esta casa realiza em prol daqueles necessitados da alma é bem vindo e que o trabalho realizando através da Arte, nas diversas formas de expressão, é capaz de nos fazer perceber que ainda somos capazes de ser melhores e de nos equilibrar - pois, nos momentos em que me entrego para a prática da pintura, ou



quando me junto ao coral formando na colônia onde me abrigo, sinto-me elevar, sinto-me renovado e fortalecido para as tarefas.

Agradeço a todos!

E ficam minhas cordiais saudações. Adeus!"

5) GESB: 04/11/97

Tema: Preconceito social (riqueza) e religioso (judaísmo)

Entidade: Josué

"Boa noite. Meu nome é Josué. Sou um menino rico, e também judeu. Quando vocês dizem do preconceito social ele também atinge quem é rico como eu fui.

Na roupagem terrena, esta riqueza me trouxe amargura e sofrimento. Não tinha amigos. Piorava quando dizia que era judeu. As pessoas não entendem que uma criança pobre ou rica, precisa de carinho. Não é a riqueza ou a pobreza que vai dizer quem precisa de atenção ou amigos.

Quantos momentos de solidão passei! Ainda mais que, tendo estudado em escolas respeitáveis, tive boa educação, sendo visto em muitos lugares como afeminado, quando na realidade, estava apenas sendo educado.

Muitas vezes, o preconceito é velado por palavras doces e afáveis; mas o sentimento revela que há preconceito.

Por diversas vezes, estive na presença de pessoas ricas, mas que não eram judias, considerando-se portanto, superiores a mim e meus familiares. Em quantas festas infantis compareci? Não sei !

Onde fui bem aceito, foi onde menos pensei. Quando encontrava-me com oito anos de idade, tivemos a oportunidade de estar na casa de um senhor letrado, educado e espírita. Embora esta fé nos fosse completamente estranha, percebemos os bons princípios e os bons sentimentos que havia na casa deste senhor. Era como se estivéssemos, há muito tempo, em um ambiente amigo.

Sei que esta fé espírita é que me trouxe aqui, porque 30 dias após esta visita, sofri um aneurisma cerebral, vindo a morrer, pelo menos para o mundo.

Nunca mudei meus conhecimentos judaicos. O que eu ouvi naquela casa após os dias que seguiram àquela visita, permaneceu em minha mente e muito auxiliou a manter-me equilibrado.

Quando ouvi pela 1º vez que um determinado grupo espírita estava realizando estudos específicos sobre o preconceito, interessei-me, porque fui vítima do mesmo; e pedi para estar presente a estes estudos. E desde então, muito tenho aprendido e mudado também meus sentimentos de mágoa, para sentimentos de compreensão e de perdão.

Quero agradecer por me darem oportunidade de compreender e aceitar melhor os ensinamentos da fé espírita. Não preciso deixar o que acredito; posso acrescentar aos meus conhecimentos, todos estes que ensinam.

Vou me despedir, e agradeço mais uma vez a bondade de me aceitarem e penso que, todo espírita é como aquele senhor que não perguntou de nossa fé, nem de nossa posição social, para abrir a sua porta aos novos vizinhos que chegavam.

Obrigado a todos."



6) GESB: 15/04/97

Tema: Preconceito sexual e religioso (islamismo)

Entidade: Sari

"Quero me fazer entendida. Sei que entendem em vossa língua, mas não penso em vossa língua. Me disseram que eu poderia falar, pois me entenderiam. Promovem meios para que seja possível.

Que Alá, que é o Deus que conheço possa nos amparar.

Trago marcas em meu corpo da violência de que somos alvos pela ignorância. Vossos olhos não podem ver, mas estou com o "xadô". Ainda não me livrei das marcas que a ignorância é capaz de impor.

Desde pequena acostumei-me a ser violentada. Desde os seis anos, tornei-me mulher pela violência de um primo. E era uma prática constante daqueles que me consideravam inferior.

É prática islâmica retirar da mulher a fonte de prazer, porque ela nada mais é do que a procriadora dos filhos, que pertencem à raça masculina. Somos considerados objetos, fontes de prazer para os homens e fonte procriadora, para que a raça se perpetue; e devemos dar de preferência, filhos - filhas não são bem vindas. A mulher que não pode procriar é jogada à rua ou entregue de volta a seus pais, como objeto inútil, a quem Alá não concedeu a graça de conceber.

Muitos anos já se passaram. Trago os olhos de minha filha marcados pela dor, pela revolta, de uma vida sem direitos, sem liberdade. (...) Mas ou nós nos acostumamos a esta vida, ou morremos de desgosto. A religião é um meio sagrado de se elevar espiritualmente; e desde pequena, somos ensinadas a respeitar Alá e a cumprir suas vontades; sendo assim, a grande maioria de nós cresce obediente, sabendo do seu valor inferior e de sua incapacidade de chegar a compreender Alá, da sua incapacidade de raciocinar, de pensar, de agir, de fazer - sendo portanto, submetida às tarefas inferiores e somente servir o homem, respeitá-lo infinitamente e sempre dizer sim; mesmo quando o coração suplica por um não, ou quando o coração suplica amargamente pelo amor de outra pessoa que não pode ser sua, porque sua vontade não lhe pertence - mas a seu pai ou a seu senhor, que a tomou por esposa. Algumas de nós possui a graça infinita de ter o amor de seu marido, e já é uma graça ter este amor, porque não somos objeto de violência, mas de carinho - e isto é uma raridade.

É raro envelhecermos ao lado deste marido, porque somos trocadas quando envelhecemos; quando muito, mantidas na mesma casa, que uma outra mulher toma. Mas nós nos compreendemos e não sentimos raiva umas das outras, porque sabemos que o nosso destino é um só.

Para mim foi uma dura prova; mais que uma prova, uma expiação. Por ter encarcerado seres inocentes no fundo de um navio, apodrecendo ali ou entregues como mercadoria escrava, foi-me tolhida a liberdade e o direito de pensar e de falar.

SARI é meu nome, que poucas vezes pude dizer, porque não nos é dado o direito de nos apresentar, a não ser a outra mulher, e quando em sociedade, somente nosso marido pode dizê-lo, se achar conveniente.

Sei que vou me livrar destas marcas; e sei que assim como vós, poderei um dia, tirar o "xadô" e deixar que meus longos cabelos possam sentir o vento. Mas estou me preparando para isto.

Acompanhei as músicas do VI Festival, timidamente, assim como outras, que como eu,



também lá estavam.

Quero vos pedir desculpas por ainda me encontrar em fase de recuperação e não poder lhes dizer tudo e não ter força para contar toda a minha história... Mas quero agradecer por permitirem que mulheres assim, possam permanecer no mesmo ambiente, onde homens e mulheres cantam e se dão as mãos e se abraçam sem violência, e se tocam como irmãos.

E que o vosso Deus, que também é o meu Deus, porque é um só, continue a amparar a todos, a iluminá-los, porque o que fazem é muito belo - ainda que eu não compreenda o que seja esse belo para vós - porque para mim, belo é poder estar no meio de outras pessoas sem medo e sem vergonha de pronunciar o que penso e o que sinto.

Eu vos agradeço, e devo ir. Que meu Alá e que o vosso Deus, continue a iluminar."

7) GESB: 21/10/97

Tema: Inquisição e Fé

Entidade: Irmã Tereza

"Que a Graça de Deus - Pai amantíssimo fortaleça a palavra que trago. Agradeço as bênçãos deste dia, pois encontrava-me atribulada, encarcerada há vários séculos.

Só vim a descobrir que meu corpo não existia, este ano corrente.

Sou um freira e como tal desencarnei em um claustro, condenada pela Inquisição; condenaram-me por motivos alheios à verdade. Recusando-me aos caprichos de Monsenhor Vidal, acusaram-me de heresia. Vindo a morrer de fome e febre, adquiridas no claustro; não em minha cela, onde tanta, vezes orei ao Senhor, mas em uma cela fétida e úmida. Minhas rotas vestes já não cobriam minha pele, que se enchia de feridas purulentas. (...)

Permaneci muito tempo lá, porque esqueci-me de que a fé verdadeira nos livra de todo mal. Esqueci-me de orar, não para que Deus me libertasse do claustro, mas por aqueles que me condenaram, permanecendo ligado a eles por muito tempo.

Irmã Tereza é o nome que tomei na ordem quando nela entrei aos 18 anos. Fui condenada jovem ainda, aos 25 anos.

Fui atraída por vossos estudos. As palavras conhecidas do Apóstolo Paulo, me fizeram sair da casa mental em que me alojara. Outras irmãs de várias ordens encontram-se estudando convosco.

Agradecemos a luz e louvamos todos os dias ao Senhor, cantando hinos que cantávamos nas Igrejas.

Hoje compreendo que a verdadeira fé não se limita ao hábito, mas vai além, pois se aloja no coração de todo aquele que quer servir ao Senhor.

Obrigado, e que este Deus, que nos ilumina a todos, possa também iluminar os que se encontram nas trevas interiores do egoísmo, do orgulho e da louca vaidade que ceifou tantas vidas.

Graças ao Senhor Deus,

Amém!"

8) GESB: 09/09/97

Tema: Aids

Entidade: Ana Lúcia



"Meu nome é Ana Lúcia, tenho 17 anos, desencarnei há 03 meses atrás na cidade de Botucatu, São Paulo. Estava com aids, mas não sou o padrão de aidético; não peguei em transfusão de sangue, não peguei de um relacionamento sexual, também não faço parte de grupo que faz uso de seringas. Contrai o vírus da aids há 07 anos passados. Sofri um acidente e neste, fui para um hospital, cujos materiais não estavam devidamente esterilizados, e daí contrai o vírus, sem que ele se desenvolvesse até que completasse 17 anos.

Tinha planos de vida, queria estudar, formar-me, ser uma odontóloga, assim como os meus pais, não por uma imposição paternal ou materna, mas porque me empolgava o fato de poder restaurar aquilo que estava quase acabando. Sabia intimamente que não viveria muitos anos, embora fizesse planos, tinha sempre a sensação de que alguém me chamava, mas não entendia o porquê.

Criada em uma família católica romana que segue os preceitos antigos da igreja máter, tinha receios infinitos da morte, o que me fez sofrer, no primeiro mês do desencarne, de forma exasperante. Logo após este período, adaptei-me facilmente à vida do espírito, não porque não tivesse dívidas contraídas ainda nesta vida, mas porque encontrava-me num patamar de sentimentos diferenciados dos demais jovens referentes à minha idade e meio social. Preocupava-me sobremaneira com as dificuldades alheias, procurando auxiliar sempre que me fosse possível, isso amenizou em parte as dificuldades de adaptação.

Encontro-me em um lar chamado "Lar da Juventude". É apenas uma parte de um lar maior da cidade em que estou - que não me é dado o direito de falar o nome.

Trago apenas estas palavras pequenas para dizer a todos que o medo incontido do contato, da conversa fraterna com o aidético, cria em torno dele a sensação da solidão, que mata o paciente antes mesmo que a morte chegue. Esta segregação faz com que fiquemos angustiados, cada vez mais entregue à própria doença. Meus pais, por mais amor que tivessem por mim, desesperaram-se de medo, evitando mesmo que meus irmãos mais jovens que eu, tivessem contato físico mais próximo, retirando de mim assim, as últimas horas de convivência fraterna e carinhosa. Embora o diálogo constante, faltava-me o carinho; mas não os culpo, há muita desinformação, há muito receio; há muita gente que teima em divulgar falsos conceitos a respeito da aids. É importante esclarecer os jovens que não se pega aids num abraço fraterno, numa conversa fraterna; se não há a coragem de abraçar, ma há o momento em que podemos dialogar, deixando um pouco de carinho para aquele doente.

Gostaria ainda de dizer que a aids não é uma doença que se pega somente pelo contato divulgado, mas de diversas outras formas e que muitos encontram-se com o vírus no organismo que ainda não se desenvolveu. Muitos daqueles que fogem desesperadamente, poderão vir a desenvolver esta mesma doença, porque o medo cria um ambiente psíquico propício a isso. Não que todos os que têm medo venham desenvolvê-la, mas podem desenvolver outras doenças devido o padrão mental e emocional.

Devo ir. Fica o agradecimento sincero pelo auxílio.

Soube, quando encarnada da existência de um festival de música nessa cidade, embora não soubesse detalhes e nunca houvesse participado do mesmo; encontro-me hoje, inteirada deste evento e sei que, mentalmente, fui atraída para este ambiente (...)

Continuem firmes no ideal do bem. Fiquem com Deus."

9) GESB: 16/11/96

Tema: Escravidão e Aborto



Entidade: José

"Oi ! Vim falar um pouquinho de mim.

Meu bracinho, vocês estão vendo? É uma paralisia. Eu tinha que nascer assim, mas mamãe não me quis.

É a sétima vez que tento nascer e não consigo. Não foi sempre com a mesma mamãe, não. As três últimas tentativas, foi com a mesma e eu vou insistir mais uma vez. Se eu não conseguir, aí eu vou desistir, então perco esta forma defeituosa. Não vou dizer que não vou chorar e sentir. Eu choro todas as vezes!

As mães que eu escolhi foram pessoas que eu maltratei muito. Quando eu era dono de escravos, eu maltratava minhas escravas - arrumei muitos filhos bastardos com isto ! Matei muitas crianças. Por isso, eu não consigo nascer, porque tirei a vida de muitos. Sou inimigo de todas as mães que eu escolhi. O choque vibratório é muito grande !

As quatro primeiras mães foram diferentes, mas todas foram minhas escravas e sofreram abusos meus. Elas não conseguiram deixar que eu nascesse, pois têm muita revolta e mágoa no coração.

Eu estudei muito. E nesse tempo todo eu permaneço com forma de criança até poder nascer - não por mérito meu, mas por misericórdia divina e interseção de companheiros meus. Assim eu cativo mais pessoas - eu sou carente de amigos. É muito triste ser sozinho. A forma infantil cativa mais, por isso, preferi não permanecer com a forma adulta.

Na primeira vez, minha mãe tomou um remédio que faz em casa. Eu tinha dois meses.

Na segunda vez, foi mais difícil. Morri sufocado. Estava com três meses.

Na terceira e quarta vez, um metal frio me tirou e eu ainda respirava quando fui jogado na lata do lixo. Tinha de quatro pra cinco meses - poderia até ser salvo e sobreviver!

Nas três últimas vezes minha mãe fez de tudo: tomou remédios, injeção - nada d'eu morrer. Nas duas primeiras, morri na segunda injeção - na primeira os meus amigos fizeram de tudo e eu permaneci vivo. Na terceira vez: "Essa coisa ruim não via nascer de mim!". Minha mãe foi para uma clínica boa e fez um parto; ela é muito rica; pensei que eu ia nascer. Estava ainda com quatro meses - virei material de laboratório!

As quatro primeiras mães tiveram seus nenens e eu os vendi. Mas a última, eu matei o filho na frente dela. Por isso a rejeição.

Eu não estou pedindo o perdão delas não, porque o perdão está tão longe de se sentir!

Nem eu que fiz tudo de ruim, não tiro a mágoa de não nascer - eu compreendo !

A gente só perdoa quando o perdão nasce do coração, quando se sente. Eu estou aprendendo a perdoar.

Vocês mesmo, só conseguem me escutar porque não trago a forma e o rosto do passado - tão endurecidos e cruéis !

Da última vez, eu ganhei um bercinho colorido. Aí mesmo onde vocês estão pensando. Fui acolhido, cuidaram de mim. (V FAE / 1994).

Queria deixar um recadinho para vocês: - Aprendam a perdoar; é a chave para a solução de tudo. Uns aprendem mais depressa; outros, mais endurecidos com eu, aprendem aos poucos... Pra vocês fica o nome José. Não é preciso o nome todo. Donos de escravos forma muitos, fui apenas mais um.

Que o bom Mestre, que me trouxe aqui, possa permanecer com todos. Que assim seja!"



10) GESB: 17/06/97

Tema: Preconceito sexual - Homossexualismo

Entidade: não se identificou

"Não posso ficar com entrelinhas em meu diálogo para convosco. Estou aqui para deixar um pouco do meu depoimento pessoal. Conto com a compreensão de todos, pois bem sei do estudo que fazeis e estou nele para aprender também, a movimentar as energias sexuais para o meu equilíbrio pessoal e para auxiliar amigos como eu.

Já devem ter notado que sou um espírito feminino em roupa masculina - homossexual propriamente.

Sei bem das vossas restrições para comigo, mas nós não modificamos as nossas imperfeições assim que nos transferimos para outro plano de ação; mesmo porque estou apenas há seis meses aqui e muito ainda tenho que aprender.

Cedo ainda, aos 04 anos, já manifestava as minhas tendências femininas. Apreciava brincar com bonecas, deixava os carrinhos para meus irmãos mais velhos. Não gostava das futilidades masculinas, tais como envolver-se em brincadeiras onde o cigarro, onde as poses e as movimentações tipicamente masculinas eram alvo.

Aos 10 anos tive meu primeiro contato - apenas 'toque' com um amigo - nada mais além de um toque, num tocar de mãos, que me proporcionou imensa satisfação, pois ali encontrava-se o meu primeiro amor. Nunca tivemos nada um com o outro, mas isto despertou-me para o meu lado feminino, e fiquei durante sete anos, lutando contra a tendência que se apossava do meu pensamento e muitas vezes de minhas ações, sem que no entanto, tivesse ainda me envolvido com qualquer companheiro. Não manifestava interesse pela roupa feminina, embora tivesse minhas amigas em grande consideração, e apreciasse aconselhar-lhes em questões de sentimentos e mesmo familiares. Era muito procurado por elas, pois se sentiam em segurança para conversar comigo.

Aos 17 anos conheci um jovem como eu que não tinha tendências, nem tão pouco preferência homossexual, mas que me encantava por sua inteligência brilhante e a eloquência sobre determinados assuntos que se referiam à sexualidade. Apaixonei-me perdidamente e relutava em exteriorizar este sentimento, pois, sabia do escândalo que provocaria em meu amigo. Calei-me por toda a vida, mas este amor não morreu; meu amigo não soube em vida, do amor que tive, pois que nunca o exteriorizei, embora sofresse profundamente e por vezes chorasse em meu quarto, por este amor que não poderia se consolidar. Nunca teria coragem de me abrir, sob pena de perder um amigo, ou de não ser compreendido e repudiado.

Conheci, nesta ocasião, um grupo de jovens que mexia com drogas e mesmo não entrando no mundo das drogas de forma desenfreada, aventurei-me algumas vezes. Este grupo praticava orgias sexuais, não se importando se era homem ou mulher o parceiro em questão, e foi aí que tive a oportunidade de pela primeira vez, expandir toda a minha sexualidade. Bem visto e aceito neste grupo, comecei a minha decadência pessoal, tentando esquecer o amor nos braços de pessoas que não me amavam, mas que me usavam para a satisfação de seus prazeres.

Talvez se escandalizem com minha sinceridade, mas necessito falar e peço perdão se faço a vergonha vir à tona, peço ainda desculpas se não sou capaz de esconder a minha verdade, ao contrário, estou expondo-a.

Por esta época infestei-me com o vírus da aids, por uma vez que utilizei uma seringa



reutilizada por todos os outros; e desta única vez que usei, contaminei-me, sem no entanto saber. Continuei nesta vida por 05 anos. Foi aí que soube da doença. A doença funciona em nós como um punhal, que é de repente, colocado no coração; não sabemos como tirá-lo e, no entanto, queremos arrancá-lo a todo custo, tamanha a dor que sentimos.

Quanto arrependimento! Quanta dor! E quanta solidão!

Estes amigos assim que souberam, abandonaram-me. Meus familiares, que há muito já não me suportavam, exceção de uma irmã - que sempre esteve ali, ombro amigo, palavras carinhosas - a qual muito devo o meu estado de hoje.

Todos então me abandonaram e fui viver da caridade desta irmã. Muitas vezes durante a noite acordava sobressalto, tentando esquecer que estava morrendo. Quantas noites passei na insônia, tentando fugir da morte, para que ela não me tragasse em suas garras e, quantas vezes, implorei ajuda à pessoas que considerava amigas. Embora houvesse em mim os sinais da doença, meu corpo resistia, e por 10 anos permaneci ainda no plano terrestre.

Devo ir. Terminarei meu relato em ocasião vindoura. Peço que me desculpem mais uma vez, se escandalizo os vossos corações. Muito do que haveria de dizer não o disse para poupar a sensibilidade de todos.

(Travarei diálogo posterior para que toda a história seja contada e para que possa servir a outras pessoas, para estudo e também para se evitar que outras pessoas corram os mesmos riscos que corri, e com os quais vim a desencarnar. Não desencarnei, como muitos pensam, somente vítima de aids, mas também vítima da maldade humana, da pouca caridade, do pouco amor; desencarnei vítima também do PRECONCEITO.

Não quis me apresentar sobre outra forma, para dar a todos uma noção do que será trabalhar com a homossexualidade, porque muitas vezes serão abordados por pessoas querendo entender: "por quê acontece, com quem acontece, como acontece, que formas para evitar?", "meu filho ou minha filha, um amigo ou uma amiga, a criança que conheço manifesta tendências contrárias a sua sexualidade exterior". Todos serão inquiridos de uma forma ou de outra. Por isso solicitei e foi-me concedida a oportunidade de estar aqui).

Orem por aqueles que como eu, passam por esta situação conflituosa.

Obrigado a todos!"